



**UFRPE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**LETÍCIA LOPES MOTA**

**A TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICOS-  
RACIAIS: A HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA JOANA DIAS EM SUA  
INCURSÃO EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA REDE PÚBLICA DE  
PERNAMBUCO**

**RECIFE  
2021**

**LETÍCIA LOPES MOTA**

**A TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS: A HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA JOANA DIAS EM SUA  
INCURSÃO EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA REDE PÚBLICA DE  
PERNAMBUCO**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia pelo Profº. Drº. Filipe Lima Silva

**RECIFE  
2021**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**LETÍCIA LOPES MOTA**

### **A TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICOS- RACIAIS: A HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA JOANA DIAS EM SUA INCURSÃO EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA REDE PÚBLICA DE PERNAMBUCO**

Data da Defesa: 10/12/2021

Horário: 15 horas

Local/Plataforma: Google Meet

Banca Examinadora:

---

Prof.º Dr.º. Filipe Lima Silva - UFRPE  
Orientador

---

Profº Dr.º Aristeu Portela Júnior - UFRPE  
Examinador Interno

---

Profª. Drª. Marta Maria Minervino dos Santos  
Examinadora Externa

Resultado:

( ) Aprovada

( ) Reprovada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M917t MOTA, Leticia Lopes  
A TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICOS- RACIAIS: A HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA JOANA DIAS EM SUA INCURSÃO EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA REDE PÚBLICA DE PERNAMBUCO / Leticia Lopes MOTA. - 2021.  
62 f.
- Orientador: Filipe Lima Silva.  
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2021.
1. Educação Antirracista. 2. Escolas Públicas. 3. Material Didático. 4. Étnicos-raciais. 5. Práticas educativas. I. Silva, Filipe Lima, orient. II. Título

---

CDD 370

## **Agradecimentos**

Não poderia passar pela universidade sem deixar escrito os sujeitos que foram importantes na minha graduação, direta ou indiretamente, lembro com lágrimas nos olhos e muito amor no coração de cada um/uma, principalmente a minha ancestralidade que me manteve firme durante esses 4 anos e meio. Meus sinceros agradecimentos:

À Ògún, por ter me mostrado que sua filha é de batalha, foram muitos dias acordando cedo demais, passando o dia na rua, passando por dificuldades financeiras, poucas vezes tive condições de pagar a minha alimentação e passagem, mas mesmo assim, o meu Orixá falava que deveria seguir em frente, filha dele não foge da luta. Eu fui, lutei a cada centímetro, venci todos os dias e continuo vencendo.

À Oṣun, por ter me dado muita força no momento da gestação, enfrentar um sistema patriarcal, em que exclui as mulheres, foi duro, era difícil passar pelo o período mais complexo da minha vida, como ser que reproduz, tendo que pegar 2 metrô, 6 ônibus e andar um pedaço, ainda ter que pagar 9 disciplinas obrigatórias, fora o PIBID. Pensei em desistir, pensei em deixar de lado meu sonho, mas clamava muito por dona Oṣun para dar forças ao meu corpo físico e acalmar meu corpo mental.

À minha mãe Patrícia, por ser a mulher que mais acredita no meu potencial como educadora, mãe e filha, por me elogiar sem mesmo entender o que pesquisei, mas ela estava lá, na frente, torcendo, gritando e dizendo com todas as palavras: eu quem fiz, e sozinha.

À minha avó Marlene, por ser a segunda mulher que acredita em mim, por ter dito as vizinhas que eu tinha passado em uma universidade pública; que eu era pedagoga com muito orgulho, por ter dito, em pensamento, o quanto meu avô Paulo ficou orgulhoso e ficaria mais em ver a primeira pessoa da família a entrar em uma universidade. Também, vó, obrigada por todas as marmitas deliciosas que me fortaleceram.

A todo o Departamento de Educação da UFRPE, seu corpo docente, por terem me acolhido, por saberem meu nome, por rirem das minhas piadas, às vezes sem graça, por compartilharem dos seus saberes e nos ensinado os conteúdos da forma mais rica possível.

Às minhas amigas, Alanna e Giulia, vocês têm marca no meu coração, nos salvamos todas as vezes possíveis, rimos muito, faltamos, também, mas

nunca nos deixamos. Vocês resinificaram o conceito de amizade, tiveram um papel maravilhosamente lindo dentro de mim.

À Catarina, meu bem mais precioso nessa terra, fui capaz de te gerar, sou capaz de te educar, faço tudo por você, inclusive, essa graduação, pensei em desistir uma única vez quando você nasceu, mas preciso ser muito para te dar exemplo, preciso te dar as melhores coisas que o mundo possa oferecer. Eu amo você!

Ao programa PIBID, obrigada por ter me colocado no chão da escola, naqueles momentos meu ser professora crescia. Se hoje sou e se eu serei uma ótima educadora, foi o programa quem me ensinou.

Ao Prof. Dr. Filipe Lima, jamais esquecerei o dia que me aceitou como orientanda, você conseguiu dar start a todo esse projeto que estava recheado de medo. Obrigada por ter acreditado em mim, por ter mergulhado nessa pesquisa que considero linda e não ter me deixado de mãos atadas. Espero caminhar e ter suas contribuições para sempre.

## RESUMO

Propõe-se neste trabalho de conclusão de curso analisarmos aspectos de inovação com articulações de ferramentas metodológicas (história de vida e estudo de caso) para trazer à baila discussões que afirmam as educações para as relações étnico raciais. Nos defrontamos com o material didático da Professora Joana Dias e de seu amplo espectro de ações antirracistas e, sem se perder dos elementos de uma educação crítica, propõe-se numa construção dialógica e lúdica. O trabalho se descortina inicialmente em três capítulos bem estruturados que nos trazem elementos de ordem teórica, metodológica e de análise de dados com narrativas de sua história de vida em articulação ao processo educacional. Encontramos a paixão e a construção acadêmica da docente em articulação às necessidades científicas e educacionais a que suas atividades didáticas se propõem e que são ainda mais relevantes, sobretudo, por trazer a temática através de práticas exitosas de combate ao racismo. O problema nos leva a questionar as possibilidades de se fazer educação através de práticas pedagógicas que transformem a sociedade, em especial quanto a desmobilização do racismo estrutural. O objetivo geral é analisar as atividades docentes de afirmação da identidade negra e da cultura afro-brasileira por meio de práticas pedagógicas de combate ao racismo estrutural, apresentaremos a descrição do material didático criado e usado pela professora o que nos indica mudanças de paradigma e desacomodação dos modos convencionais de analisar os espaços de ensino/aprendizagem.

**Palavras-chaves:** educação; antirracismo; material didático.

## EPÍGRAFE

*“Meu coração vai desdobrando os panos, se  
alargando aquecido, dando a volta ao mundo”.*

*Adélia Prado*



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS DE COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL .....	13
1.1. A identidade da mulher negra e professora: o enfrentamento ao sistema .....	15
1.2. O que constrói uma boa prática educativa?.....	19
1.3. O caminho para uma educação antirracista .....	21
CAPÍTULO II: METODOLOGIAS PARA UMA PESQUISA FEMINISTA E NEGRA .....	25
CAPÍTULO III: PRÁTICAS EDUCATIVAS NA HISTÓRIA DE VIDA DE JOANA DIAS	30
3.1. A história de vida de Joana Dias: singularidade, interseccionalidade e subjetivações de uma professora.....	30
3.2. Formação e constituição do sujeito docente: uma professora, mulher, negra e periférica .....	37
3.3. Práticas pedagógicas antirracistas: olhares supracurriculares sobre o fazer docente .....	42
CONCLUSÃO .....	52
REFERÊNCIAS .....	54
APÊNDICE .....	59
Apêndice A – Roteiro de perguntas norteadoras aplicadas à professora entrevista	59
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	61

## INTRODUÇÃO

Ser educadora ou educador é estar constantemente encarando conflitos e inquietações que transpassam a rotina escolar, tais como as vivências de reprodução de atitudes negativas e positivas. Isso porque, refletir sobre a educação não é um ato simples, pois ela está repleta de perspectivas de nossa história de vida que se enredam a formação docente.

Uma das possibilidades, dentre tantas, de se analisar as discussões aqui apontadas é a que traz um recorte objetivo para esta pesquisa, pois mostra-se na necessidade e relevância de que se aborde a temática das relações étnico raciais no fazer pesquisa dentro de um universo permeado pela cultura afro-brasileira. Desse modo, percebe-se que cada vez mais os(as) professores(as) desenvolvem estratégias de atuar com maior articulação com a grande pluralidade que há dentro da escola, e de certa forma, aproveitar e reconhecer essa diversidade.

A Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, dessa maneira os docentes são direcionados a trabalharem a temática. O Parecer do CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004 (BRASIL, 2004) desdobram nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Os normativos apontados na organização político-administrativa federal, estadual e municipal contribuem formalmente para o cumprimento da Lei 10.639/03.

Outro alicerce jurídico-administrativo está no Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2009), que contribui para a estrutura principal de dispositivos legais de promoção de políticas educacionais de afirmação da educação para as relações étnico-raciais e para a diversidade cultural no espaço escolar.

Crianças negras que não se sentem representadas dentro do espaço escolar e que são excluídas através da discriminação, que ultrapassa as paredes

da escola, sofrem por um preconceito de cunho racial que prejudica a sua formação identitária. Por isso, faz-se necessário professores com práticas educativas exitosas antirracistas e que empoderem o reconhecimento e a afirmação da identidade negra, projeção e reconhecimento do Movimento Negro e demais organismos que se congregam à luta antirracista.

A pesquisa interage em suas justificativas de ação com a pesquisadora que aqui se coloca em virtude de ter como componente identitário sendo a sua religião de origem africana, Umbanda, e pelo olhar científico e apaixonado lançado às discussões que envolvem a cultura afro-brasileira. Por isso,

Não é à toa, que se convencionou chamar de virada narrativa a tendência de, nas ciências sociais, se questionar o estatuto até então objetivo das descrições etnográficas de diferentes grupos sociais. Passou-se a assumir, a partir de então, que os dados não falam por si, nem descrevem uma realidade; que o conhecimento produzido em campo é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que, pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais, olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de pesquisa uma narrativa única (BASTOS; BIAR, 2015, p. 101).

As lacunas relacionadas à formação com uma educação étnico-racial no processo formativo desta pesquisadora apontam sobretudo para a necessidade que estes conteúdos, em um país diverso em culturas e raças, perpassam a educação básica. Foi possível perceber em experiências pessoais anteriores à pesquisa, que aqui se apresenta, que a construção antirracista não era trabalhada e não era em uma escola conservadora ou religiosa, pois mostra-se como tabu para alguns professores, pais e alunos. De certa forma, esse preconceito não só atinge a sociedade, mas também é a reprodução de práticas do corpo social, a qual sujeitos da escola também são submetidos.

Dentro do curso de Pedagogia percebemos que a escola é uma grande influenciadora na vida dos (as) alunos (as) que por ali passam, tendo esse poder, deve-se haver um cuidado em erradicar preconceitos para o espaço escolar. Desta forma, o problema de pesquisa que nos trouxe o incômodo necessário para a produção de possibilidades através deste trabalho foi o seguinte: Quais as possibilidades de se fazer educação através de práticas pedagógicas escolares que contribua para a desmobilização do racismo estrutural?

Com isso, o objetivo geral deste trabalho surge de forma cartográfica para analisarmos o fazer educação antirracista a partir da história de vida de uma docente, Joana Dias, que articula suas vivências às práticas pedagógicas que transformem a sociedade, em especial como suas práticas pedagógicas. Tal objetivo articula-se aos objetivos específicos sendo estes: 1). Identificar o fazer educacional e suas práticas pedagógicas antirracistas; 2). Mapear as convergências entre a história de vida, a formação docente e o currículo escolar em Joana Dias.

Por conta do delicado momento, provocada pelo vírus COVID-19, enfrentamos um duro distanciamento social, por isso, não teremos como analisar as práticas pedagógicas em sala de aula, contudo compõem nossa estrutura empírica da pesquisa descreve os materiais didáticos produzidos pela educadora Joana Dias e apresenta o resultado de entrevistas realizadas através da plataforma do Google Meet.

Para alcançarmos nosso desiderato, a estrutura deste trabalho de conclusão de curso será disposta da seguinte forma: Capítulo I - Afirmação da identidade negra e da cultura afro-brasileira através de práticas educacionais de combate ao racismo estrutural; Capítulo II - Ferramentas Metodológicas para uma pesquisa feminista e negra; e, por fim, Capítulo III - Práticas Educativas na história de vida de Joana Dias.

Adianto que a pesquisa carrega o nome de nascença da professora com autorização do Termo de Livre Esclarecimento assinado pela própria Joana Dias. Também, é de extrema importância, para a pesquisadora que se coloca, a publicação do nome da professora como forma de mostrar nomes e histórias de vidas de profissionais da área que fogem da lógica racista e lutam a favor de uma educação de qualidade para todos.

Dessa forma, quisemos sair do local de denúncia de docentes que vemos dentro das universidades ao falar de profissionais que não fazem o esperado e que não seguem as teorias e as atualizações, com isso, trago para dentro da biblioteca da Universidade Federal Rural de Pernambuco o nome de Joana Dias, professora das Redes Municipais de Recife e Jaboatão, dos Guararapes, uma

educadora afroreferenciada, antirracista e que utiliza suas práticas pedagógicas dentro da escola para mudar a vida de estudantes que por ali passam.

Reforço que se procura nesta pesquisa fugir do denunciamento de críticas a profissionais e tornar este espaço um local para enfatizar a história e olhar sobre a educação através dessa professora que virou exemplo para minha formação como pedagoga e que pode se constituir em inspiração, estratégias e possibilidades para outros docentes e pesquisadores.

## **CAPÍTULO I: AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS DE COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL**

Um termo extremamente utilizado em diversas áreas do conhecimento, tendo múltiplas explicações por autores importantes é o conceito de identidade que acaba possuindo significados diferentes dependendo do autor/pesquisador que o desenvolve. Desse modo, estarei elencando as alegações das seguintes áreas: sociologia, filosofia, psicologia e educação que são de grande relevância dentro da minha pesquisa, uma que vez a transdisciplinaridade na análise de aspectos como identidade e relações étnico-raciais se mostra indispensável.

Segundo Hall (2005) o próprio conceito com o qual estamos lidando, identidade, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea. Com isso, a utilização da palavra no nosso dia a dia nos convida a fazer uma reflexão sobre a aplicação dela, de maneira de evitarmos a falta da compreensão e a carência de um aprofundamento desse termo.

Autores da sociologia aos quais congregamos ao entendimento discutem a identidade como um processo de construção. A formação da identidade passa por uma série de sentenças racionais e irracionais nas decisões pessoais que cada indivíduo tem sobre si, com o objetivo de sua identificação, pois “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições” (WOODWARD, 2000, p.55).

Com isso, Hall (2005) traz em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” uma “crise de identidade” que, na verdade, o autor considera como o próprio processo de mudança de fragmentação da sociedade, tudo isso partindo de antigas identidades que ao longo de muito tempo solidificaram o mundo social e estariam em declividade, fazendo emergir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, antes visto como um sujeito consolidado.

Filósofos trazem outra análise para o conceito da identidade como Habermas (1988) que traz uma explicação mais direta sobre o entendimento da

identidade ao indicar que sua acepção é formada entre o indivíduo e a sociedade, de maneira involuntária, também, mutável, num processo que integra a auto identificação e reconhecimento do corpo social.

Habermas (1987) concebe ainda que um indivíduo é causador da condução de sua biografia e pode conceber identidades mais atuais ao longo de sua existência, motivado por fragmentações e rupturas que conduzem a uma superação, permitindo um novo reconhecimento nas interações sociais de que faz parte.

Alguns autores da psicologia por seu turno explicam a relação da identidade a partir da constituição do “eu”. Para Henri Wallon (1975) a construção e o desenvolvimento do eu parte, também da relação com o outro, assim, esse processo é dado transversalmente pelos grupos e meios pelos quais a pessoa acaba passando durante sua trajetória de vida.

Na educação, esta pesquisa também apresenta as discussões que envolvem o termo da identidade quando este está ligado a forma como esses sujeitos se reconhecem enquanto docentes, buscando investigar a partir de que momento na trajetória de suas vidas começa a se processar a subjetivação de professores e professoras, pois envolve o modo como constroem-se as identidades das pessoas e como isto é central na definição de como nos engajamos e engajamos outros nos discursos e construímos significados (MOITA LOPES, 2002).

Para isso, Claudilene Maria da Silva (2009) afirma que a identidade dos professores recai sobre o exercício permanente de pensar sobre a educação. Portanto, a nossa formação enquanto professor e professora, nossas experiências educacionais e o que se acredita sobre a educação influencia diretamente no profissional que somos no ambiente escolar.

A nossa identidade como profissionais de educação é constituída também quando estamos em contato com o ambiente escolar, sendo responsável pela trajetória formativa escolar de sujeitos e/ou grupos, isso porque a escola é um local vivo de relações que não conseguimos controlar. Para Bernadete Gatti (1996, p. 86) “devemos reforçar a ideia ao tratar a identidade do professor como

fruto de interações sociais complexas, que define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura, numa história”.

### **1.1. A identidade da mulher negra e professora: o enfrentamento ao sistema**

Ainda hoje nos deparamos com a caracterização preconceituosa das mulheres negras no Brasil, isso porque na construção do “eu” negro, temos a subjetivação do longo processo histórico escravocrata da população africana, tendo como início o sequestro dos negros e negras, que já chegavam em condições sub-humanas, seguidos de uma naturalização do sofrimento que essas pessoas passaram durante toda a sua vida, somado ao também histórico de opressão machista do patronado que somado ao racismo estruturam-se como antagonistas de corpos femininos negros, além do elitismo que desprestigia e realoca a importância do docente na sociedade.

Nesse viés, as identidades não são essencializadas (por exemplo: mulheres são delicadas; homens são competitivos), e a estrutura binária e antagônica de categorias identitárias (mulher x homem; preto x branco; jovem x velho; heterossexual x homossexual) não dá conta de assegurar e definir quem somos (VIANNA DA CONCEIÇÃO; SCHEUER NEVES, 2020, p. 167).

Dentro dessa trajetória, as mulheres negras sofriam outros tipos de opressões, eram submetidas às funções de empregadas, mães-pretas<sup>1</sup>, exploradas sexualmente por “seus donos” e serviam para a reprodução biológica forçada de mais escravos. E ainda eram criadas justificativas – natural/biológica, social/moral, religiosa e intelectual –, legislações, que serviram para inferiorizar negros/as escravizados/as durante muito tempo no seu papel de manutenção para uma economia escravista (ANDRÉ, 2007).

Segundo Martin-baró (1996, p. 165), o “papel” é por definição social; o “eu” antecede ou se identifica com o papel, logo é coerente inferir que a dimensão social do sujeito se confunde com o próprio eu. Portanto, é preciso pensarmos qual é o papel da mulher negra no contexto sociocultural brasileiro,

---

<sup>1</sup> Mães-pretas era o nome dado às mulheres negras escravizadas cujo trabalho era amamentar e cuidar dos/das filhos/filhas dos senhores brancos no período escravocrata.



como a figura dela é projetada nos espaços em que ela ocupa, de que maneira a mulher negra enfrenta os obstáculos e como se posiciona no papel de confronto social.

Bell hooks (2015, p. 207) denuncia com veemência a possibilidades de um feminismo que, por ventura, retire das pautas as interseccionalidades de raça, gênero e classe: “as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação”.

Importa discorrermos sobre a condição de raça de forma mais específica e para isso, Marques (1995) vai nos explicar que o racismo se divide em duas partes lógicas, sendo elas: 1) a de inferiorização, na qual uma raça definida socialmente está em locais reservados (tanto físico, quanto simbólico) e tem suas tarefas desvalorizadas; e 2) a diferencialista, segundo a qual o grupo *racizado* representa uma ameaça à homogeneidade do grupo dominante e, deste modo, deve ser banido da sociedade. Trazendo esse olhar para a conjuntura brasileira, vemos evidentemente a presença de um racismo desigualitário, uma vez que os lugares (físicos e simbólicos) menosprezados são reservados à população negra enquanto o racismo desigualitário discrimina e explora, o racismo diferencialista segrega e destrói" (MARQUES, 1995, p.48).

Acrescentamos aqui dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) percebemos em que posição profissional as mulheres negras mais ocupam dentro do país, esses dados foram coletados e analisados dentro do ano de 2018, portanto, segundo os dados, vimos que a região do Nordeste compõe 17,3% de trabalhadoras domésticas negras, sendo 10,5% das trabalhadoras domésticas brancas, podemos perceber o quão radical é a estatística quando retrata-se da questão profissional dessas mulheres.

Importa associarmos esses dados à visão de De Medeiros e Machado (2021) que falam sobre a colocação das mulheres negras em lugares definidos, por exemplo, elas não costumam ocupar os cargos de governantas, babás, arrumadeiras, etc., as mulheres negras são classificadas nos trabalhos mais pesados, sendo, arrumar, passar, lavar, varrer, etc.

Ainda hoje nos deparamos com o estigma de boa aparência que em uma sociedade racista como a nossa acaba por significar em “ser branca”, e, mesmo que a mulher negra tenha uma ótima qualificação, até mais do que a mulher branca, ela ainda não tem as características fenotípicas demandadas pelo empregador.

Pensando nesta questão, o somatório de traços semelhantes e visíveis são marcadores físicos para caracterizar grupos sociais, desta forma, quanto mais a sociedade utilizar esses marcadores para uma definição social, usando esse dispositivo de forma classificatória, mais vezes se associa às questões fenotípicas na intelectualidade pessoal e mais racista será essa sociedade (MARQUES, 1995).

A construção da imagem da mulher negra revela um racismo bem estruturado e como esses estereótipos ainda estão presentes nas mídias ou mesmo na própria fala e/ou visão dos sujeitos, o resultado dessa concepção está ligado à falta de representatividade da mulher negra em diversos espaços, pois o corpo social designa os trabalhos menos favorecidos às negras e não querem e nem esperam ascendência profissional destas. Segundo Almeida (2018, p. 37):

As relações do cotidiano das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de micro agressões– piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá tornar-se uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas.

A sociedade impele estas mulheres sempre à posição de submissão e poucos lugares enfrentam esse sistema que oprime a população negra, logo toda instituição que não cria e executa ações para combater o racismo está cooperando com o seu mecanismo de reprodução. Para transformações, a mídia possui um grande potencial para mudanças efetivas nessa cadeia. Nesse sentido,

É que essa ideologia é uma técnica de estigmatização recorrente, reiterada em diferentes fórmulas e verbalizações, desenvolvendo a metamorfose da marca em estigma. Sob vários aspectos, essa ideologia racial é transmitida por gerações e gerações, através dos meios de comunicação, da indústria cultural, envolvendo também sistemas de ensino, instituições religiosas e partidos políticos; e tem sido continuando a ser; um componente nuclear da cultura da modernidade burguesa (IANNI, 2005, p. 4).

Nos meios de comunicação, a mulher negra tem ocupado outros espaços além do trabalho doméstico e isso movimenta a estrutura social de forma positiva. Temos como exemplo, a jornalista Maria Júlia Coutinho que ingressou na TV Globo para atuar como repórter, apresentadora de meteorologia e, em 2019, foi a primeira mulher negra a integrar o time de apresentadores titulares do Jornal Nacional. O impacto midiático e social que essa ação teve foi extremamente importante, visto que outras mulheres e crianças negras viram que é possível ocupar lugares maiores e presenciaram, naquele momento, que existia uma mulher, igual a ela, lutando e operando em locais que pouco eram imaginados por elas, retornando ao ponto da necessidade de discussão de identidade na educação.

Nota-se que há uma incorporação do branco como valor e a expressão do ser negro como sinônimo de negatividade. Com isso, os afro-brasileiros sofrem discriminação diariamente em todas as esferas, quer seja na escola, na mídia ou na sociedade como um todo (OLIVEIRA, 2021, p. 55).

A trajetória da população afro-brasileira é carregada de uma visão depreciativa, oriunda do escravagismo, e a mídia é um dos principais meios para essa reprodução em que falta representatividade nos canais de acesso ao público. Apesar de Maria Julia e de alguns avanços, na comunicação de massa ainda é difícil ver negras e negros sendo colocados em papéis de protagonismo, relatos positivos sobre as vidas e debates/diálogos para assuntos de problemas sociais que esses sujeitos enfrentam.

Dessa forma, a representatividade negra é extremamente importante para a ascendência pessoal e profissional, mas somente ela não é condutora única nesse trajeto, a educação é um espaço de início para isso, visto que é preciso políticas públicas de enfrentamento ao racismo dentro das escolas para que se reduza os preconceitos e se amplie a qualidade de ensino.

Pensar a articulação entre Educação, cidadania e raça significa ir além das discussões sobre temas transversais ou propostas curriculares emergentes. Representa o questionamento acerca da centralidade da questão racial na nossa prática pedagógica, nos projetos e nas políticas educacionais e na luta em prol de uma sociedade que garanta a todos/as o direito de cidadania (GOMES, 2001, p. 83-84).

Com isso, a presença de diferentes etnias no ambiente escolar aumenta a autovalorização da identidade e a perspectiva do “empoderamento” infantil para as crianças negras, que dificilmente são representadas em seu universo. Além disso, tais elementos da identidade negra permitem a construção dessa autoestima, fazendo com que as crianças negras tenham um bom relacionamento tanto consigo, quanto com a imagem do outro, pensando na valorização da estética negra e de sua capacidade racional. Registre-se que de acordo com Simões et al. (2012, p. 31), as pautas que envolvem relações étnico-raciais devem:

a) “causar o estranhamento e fazer refletir sobre os modos de compreender o mundo construídos pelas gerações anteriores, como esses valores se materializam no cotidiano e como podemos desnaturalizar o que não mais notamos”; b) “fazer refletir sobre a natureza fluída, flexível e dinâmica das identidades negociadas a cada momento e de novo na interação, através do trabalho conjunto de todos os participantes, sobre como os estereótipos, o estigma e o preconceito são (des)construídos e/ou mantidos nas interações cotidianas com o outro”.

Para isso, há uma grande importância de que a escola tenha professoras e professores negros contando suas histórias e dando as crianças novas oportunidades de caminhos. Também, é importante construir, junto com os discentes, um novo olhar sobre a educação, que traga uma perspectiva antirracista e trabalhe novas práticas positivas pedagógicas para todo o ambiente escolar.

## **1.2 O que constrói uma boa prática educativa?**

A maneira como os recortes que os sujeitos trazem dos fatos, que são a representação de suas realidades, engravadas de significados, são reinterpretadas na dialética da relação escola, conhecimento e vida (FERNANDES, 2008, p. 148).

Podemos perceber que muito da prática do educador vem da sua história de vida, a relação da trajetória pessoal e profissional desse indivíduo está interligada em todo o processo e jamais conseguem se desvincular. A trajetória pessoal deste/desta professor/professora está ligada às suas marcas de vida, com isso, esses aspectos se interpenetram, não dissociam, mas mantêm as suas particularidades.

Segundo Verdum (2013), percebemos que a trajetória pessoal e profissional são fatores dos modos de atuação do professor, revelando suas concepções sobre o fazer pedagógico. Portanto, o/a professor/professora leva consigo na sua vida em sala de aula os saberes construídos no pessoal para o profissional, para falar de práticas educativas exitosas, podemos perceber os caminhos que levam essa discussão, tendo como parte desse conjunto: as marcas da vida, a formação do docente e a construção desses saberes durante a junção dessas duas trajetórias de vida.

A prática pedagógica, conforme Cleoni Barbosa Fernandes (1999 apud VERDUM, 2013), está em não reduzir à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articula à educação como prática social ao conhecimento como produção histórica e social, ou seja, a prática pedagógica não precisa se ater exclusivamente de forma resumida ao ensino-aprendizagem, mas pode aproximar-se de metodologias de histórias de vida, em que o professor e aluno se conectam e aprendem entre si formando várias relações. O olhar de Verdum (2013), quando comenta, traz que,

O professor aprende com o aluno, ao pesquisar sua realidade, seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, enquanto o aluno aprende, por meio de um processo de reconstrução e criação de conhecimentos daquilo que o professor sabe, tem para compartilhar.

Logo, a educação deve ser enxergada como um processo horizontal, tendo participação de todos os personagens desse ambiente e enfatizando os processos de vida de cada um. Não é sobre o/a professor/professora, ou somente sobre esse aluno, mas como a união desses sujeitos fará sentido a esse mundo. Enxergando dessa maneira, o/a educador/educadora consegue encontrar práticas educativas que levem em consideração a realidade do seu aluno.

Neste sentido, Freire e Shor (1986, p.125), falam que “a educação não nega o papel necessário do educador, mas esse não é considerado o detentor do saber, e sim alguém interessado num determinado objeto de conhecimento e desejoso de criar esse interesse em seus alunos para juntos, iluminarem o objeto”.

Não há uma resposta pronta para o que deve envolver boas práticas, mas não deve ser dito que não é possível pensar em indicadores e elementos que deve estar presente na prática pedagógica, cujo desejo deve ser “a transformação social, a busca de uma sociedade mais justa, solidária e democrática” (VERDUM, 2013, p. 95).

### 1.3. O caminho para uma educação antirracista

A escola tem dentre seus procedimentos fundamentais na sociedade: socializar e democratizar o acesso ao conhecimento, promovendo a construção moral e ética nos estudantes. Esses dois papéis compõem a formação de pessoas conscientes, críticas, engajadas com o potencial de transformação de si mesmas e da sociedade, sendo um pilar importante para a formação do cidadão com resultado no bom funcionamento do corpo social. O ambiente escolar é primário para a construção identitária de cada um, os sujeitos que ingressam na escola e têm a oportunidade de construir as próprias opiniões e a socialização longe do círculo familiar.

Para isso, criou-se um documento que pretende nortear o que deve ser ensinado nas escolas brasileiras, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trata-se de uma espécie de referência dos objetivos de aprendizagem desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Dentro da BNCC, vemos a aplicação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão nos currículos escolares o ensino da cultura afro-brasileira, mas mesmo existindo todo o aparato legal ainda é recorrente educadores que desconhecem a maneira de abordagem pedagógica com a temática.

Isso resulta em um déficit na aprendizagem dos estudantes impossibilitando o conhecimento de outras culturas, sem perceber que todas são importantes, têm os seus valores, modos de viver, etc. Logo, esse problema social sucede na falta da representatividade na vida das crianças negras que sofrem com o preconceito e atitudes discriminatórias, devido ao *bullying*<sup>2</sup> racista.

---

<sup>2</sup> *Bullying* é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas.

Rocha (2007), aponta como maior desejo ver crianças negras serem representadas positivamente nos indicadores escolares e que as instituições de ensino estejam preparadas para combater as posturas etnocêntricas em seus currículos e educadores preparados em sua prática pedagógica que dominem os conteúdos sobre a temática, refletindo conceitos e valores que trazem sobre negras/negros e sua cultura.

A falta de representatividade dentro dos livros didáticos é o resultado de um país que tem muita dificuldade em superar o período escravocrata. A educação brasileira ainda não debate com eficácia a perspectiva negra, uma vez que ainda trata o negro de forma exótica e associada apenas à escravidão, detendo a sua entrada aos espaços educacionais.

Vale salientar que a história da educação brasileira é grifada pelo atraso na admissão de indígenas, negras e negros na educação básica, ou seja, essa simples acolhida não tornou a pedagogia brasileira menos racista, muito pelo contrário, ela aponta que o Brasil é marcado por um racismo de base histórica e que é refletido nas práticas docentes e materiais didáticos utilizados também na atualidade.

Assim o escritor Munanga (2005, p. 15) retrata em sua fala ainda atual que os “nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos”.

Os resultados do insucesso escolar mostram a presença de estudantes negras e negros como dados proeminentes do fracasso educacional, entretanto, “não temos acesso a pesquisas que, inconformadas com a naturalização das desigualdades, desconsiderem as causas e as consequências da segregação pela cor” (PEREIRA, 2014, p. 116).

É por isso que Pereira (2014) propõem a ruptura do silêncio como uma das formas de fortalecimento da voz do empoderamento negro, sujeitos de sua própria história, para preencher as lacunas do passado que construíram compreensões errôneas sobre o outro e desconstruí-las, “a fim de que possamos nos libertar de uma culpa que só fez crescer o leque de desigualdades raciais em solo brasileiro” (PEREIRA, 2014, p. 117).

No que se refere a fontes históricas com ligação as trajetórias educacionais de negras e negros no Brasil, nos deparamos com um vazio, que beira a inexistência, ou seja, na fala de Cruz (2005, p. 23) “não são os povos que não têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, a invés de serem conservadas, foram destruídas nos processos de dominação”.

Somente partir do ano 1970 que foi possível que estudantes negras e negros adentrassem ao espaço acadêmico, demonstrando assim suas iniciativas em escreverem uma outra história, que englobe estudos com suas relações raciais no âmbito das escolas brasileiras (CRUZ, 2005). A primeira coletividade formada unicamente por pessoas negras a utilizar o espaço da academia para desenvolver o debate da negritude e educação, se reuniu em São Paulo, em meados de 1978 (CRUZ, 2016).

Em resultado dessa movimentação, o grupo acima citado, teve inúmeras tentativas de intimidação, porém conseguiram se fortalecer e permanecer presente no centro do debate, trazendo assuntos a respeito das problemáticas educacionais a partir da perspectiva dos negros e negras. Por consequência, posteriormente, avançaram publicações acerca da população negra e educação, em meados do fim da década de 1979, surgindo o primeiro artigo que foi publicado pela Revista de Educação Carlos Chagas (CRUZ, 2016).

Persiste, de forma explícita, uma inexistência de registros a respeito da história da população negra com ênfase na educação, entretanto, muitos instituíram as próprias escolas no esforço de apoderarem-se do saber. Segundo Cruz (2005), somente por volta da metade do século XIX que se pode presumir que negras e negros tiveram acesso às escolas públicas brasileiras.

Com isso, é frisado pela autora que serem considerados e situados à margem da sociedade, terem sido proibidos de frequentarem a escola pública, revela que a luta da população negra por sua inclusão no “processo de escolarização oficial evidencia que mesmo à margem da cidadania, os negros acompanharam os processos de compactação da nação brasileira e nele exerceram influência” (CRUZ, 2005, p. 29).

Nessa perspectiva, podemos compreender que o que se tem é invisibilidade em relação ao processo educacional e a população negra, sendo



propagado o espalhamento do discurso hegemônico de que esses sujeitos não precisavam construir laços afetivos e muito menos aprender a ler e escrever. Para a população negra bastava que aprendesse a servidão e obediência, isso é profundamente contestado quando “determinadas intelectualidades negras assumem o tinteiro, se apossam da arte de escrever, situando-se, muitas vezes, em espaços sociais, até então, majoritariamente, ocupados por brancos” (CRUZ, 2016, p. 124-125).

Por fim, a luta, vale ressaltar, ocorre nos espaços escolares, em que a inexistência de respeito às diferenças toma o espaço da busca pelo conhecimento. O acesso ao ensino sempre foi facilitado aos sujeitos brancos e durante muito tempo, é notório que negros e negras foram vedados de frequentar as escolas e isso ainda é comum, em pleno século XXI.

Mesmo que haja a existência das ações afirmativas das cotas raciais<sup>3</sup>, programas federais e outras iniciativas, essas formas de acesso ainda não são pleno e continuam por legitimar os “reflexos de uma herança histórica na qual o negro se tornou protagonista de um suposto fracasso educacional” (CRUZ, 2016. p. 126).

---

<sup>3</sup> Cotas raciais são ações afirmativas aplicadas em alguns países, como o Brasil, a fim de diminuir as disparidades econômicas, sociais e educacionais entre pessoas de diferentes etnias raciais.

## **CAPÍTULO II: METODOLOGIAS PARA UMA PESQUISA FEMINISTA E NEGRA**

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se se pode aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar (MANDELA, 1995).

A citação acima revela um dos papéis que a educação tem com a sociedade, desconstruir ignorâncias e preconceitos que prejudicam qualquer sujeito. Frente ao exposto, é importante haver pesquisas no mundo das relações étnico-raciais, pois só a partir desses novos olhares poderemos enfatizar uma educação antirracista e mais humana.

Nesta perspectiva é importante revisitar o nosso objetivo geral de analisar analisarmos o fazer educação antirracista a partir da história de vida de uma docente, Joana Dias, que articula suas vivências às práticas pedagógicas que transformem a sociedade, em especial como suas práticas pedagógicas. Os objetivos específicos se propõem identificar as práticas pedagógicas antirracistas; mapear as convergências entre a história de vida, a formação docente e o currículo escolar. Desta forma, o campo empírico está delimitado às escolas das redes municipais na qual a professora Joana Dias ensina.

Assim, esta pesquisa utiliza a abordagem qualitativa que, segundo Minayo (1994), busca se aprofundar nos significados das ações e relações humanas. Chizzotti (2000) comenta que, a pesquisa qualitativa legitima o conhecimento partindo do fundamento de que existe uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, entre sujeito e o objeto de pesquisa, pois este objeto não é neutro, ao contrário, possui significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações, num determinado contexto.

O pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos. Para Prus (apud MOREIRA, 2002, p. 50-51), os objetos de estudo das ciências humanas e sociais são as pessoas e suas atividades, considerando-os “não apenas agentes interpretativos de seus mundos, mas também compartilham suas interpretações à medida que

interagem com outros e refletem sobre suas experiências no curso de suas atividades cotidianas”.

Como forma de aprofundar a pesquisa elegemos o estudo de caso enquanto perspectiva-metodológica que mais se aproxima com os propósitos explorados. O estudo de caso, segundo André (1983, p. 52), pode ser definido como uma família de métodos de pesquisa cuja decisão comum é o enfoque numa instância, ou seja, uma investigação sistemática de uma instância específica. E acrescenta,

Os estudos de caso procuram representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social. Neste tipo de estudo o pesquisador se propõe a responder às múltiplas e geralmente conflitantes perspectivas envolvidas numa determinada situação.

Assim, é necessário que o pesquisador utilize variadas fontes de informação, garantindo ao leitor uma perspectiva completa e profunda. Vista sua grande preocupação com a descrição completa da situação estudada,

O pesquisador procura descrever a experiência que ela está tendo no decorrer do estudo, de modo que, os leitores possam fazer suas “generalizações naturalísticas” que se desenvolvem no âmbito do indivíduo em função do seu conhecimento experiencial. [...] os estudos de caso se distinguem de outros tipos de pesquisa pela ênfase na singularidade, no particular (ANDRÉ, 1983, p. 52).

Como método de análise será utilizado a história de vida da professora Joana Dias para que possamos entender o que a motivou a utilizar práticas educativas de enfrentamento ao racismo, razão pela qual foram coletados os seus relatos autobiográficos em vídeo e som. Com isso, o objetivo do investigador, que usa a história de vida para coleta de dados, é registrar fielmente o que contam os sujeitos. Sendo assim,

É um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida (DELGADO, 2010, p. 22).

As biografias permitem a análise de relatos e narrativas orais que articulam memórias, percursos e experiências (LORIGA, 2011), especificamente, a história oral biográfica permite elaborar análises gerais, específicas e individual e desenvolver compreensões específicas com maior apropriação a partir da oralidade, o que fornece subsídios para se entender o indivíduo em várias dimensões (RODRIGUES, 2015).

A história oral biográfica permite a compreensão das ações educativas da professora Joana Dias com base em sua trajetória e em seu presente sem deixar de contemplar aspectos essenciais familiares, educativos e profissionais (ALBERTI, 2005). As experiências vivenciadas pela biografada em um determinado contexto refletem a conjuntura social, cultural, econômica e política do meio em que ela se insere revelando sua singularidade ao mesmo tempo em que retrata sua subjetivação enquanto docente (DOSSE, 2015).

Foi utilizada a técnica da entrevista livre com 17 perguntas norteadoras divididas em 4 blocos (gravada, transcrita e textualizada) (MEIHY; HOLANDA, 2007) enquanto instrumento de coleta de dados efetuada pelo Google Meet em 01 de setembro de 2021 em virtude do contexto pandêmico do Covid-19, que aspiram cuidados e cumprimentos dos protocolos sanitários instituídos.

Miriam Lifchitz Moreira Leite (1984, p. 12) afirma que “são significativas as biografias que, ao conseguir delinear as características individuais do biografado, apresentam uma relação dialética entre o contexto social e a atuação de aproximação ou distanciamento do indivíduo desse contexto”.

Como a entrevista permite uma exploração em profundidade nas condições de vida, de atores, ela é vista como um instrumento privilegiado para denunciar, de dentro, os preconceitos sociais, as práticas discriminatórias ou de exclusão, e as iniquidades, de que podem se tornar objeto de certos grupos considerados “diferentes”, desviantes, ou “marginais” (doentes mentais, homossexuais, detentos, consumidores de drogas, sem teto, etc.), algumas minorias étnicas, ou ainda, as “vítimas” de todas as espécies, tais como as de Aids e de violência conjugal (POUPART et. al., 2014, p. 220).

No caso em tela, a Biografia/história de vida de Joana Dias entrecruza-se com relatos escritos em seu material didáticos e documentos de formação produzido com a parceria desta com a Rede de Mulheres Negras de

Pernambuco<sup>4</sup> e a RENFA – Rede Nacional de Feminista Antiproibicionista<sup>5</sup> que se somam para contribuir com análise historiográfica das experiências educacionais e formativas sejam primárias e secundárias, como formais, não formais e incidentais. Importa indicar que a fertilidade dessa opção metodológica, que possibilita outros olhares sobre um conhecimento de uma época, de uma sociedade, a partir de um sujeito e sua história de vida (NUNES; CAVALCANTE; VILAR, 2014).

Segundo as explicações de Moreira (2002, p. 55), a história de vida busca a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações. Este processo de análise da história de vida também gera potências e desdobramentos nesta pesquisadora, conforme dispõe Bakhtin (1992, p. 166):

O valor biográfico pode ser o princípio organizador da narrativa que conta a vida do outro, mas também pode ser o princípio organizador do que eu mesmo tenha vivido, da narrativa que conta minha própria vida, e pode dar forma à consciência, à visão, ao discurso, que terei sobre minha própria vida.

Estas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou se referem a algum evento ou série de eventos que possam ter tido algum efeito sobre o respondente. Deste modo, como um dos objetivos desta pesquisa é investigar como essa professora desenvolve as práticas em sala de aula, estaremos utilizando análise documental como um dos instrumentos de coleta de dados. Para Lüdke e André (1986, p. 45):

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

Através dos registros que a professora tenha sobre a aula dada ou projeto executado, foi feita uma análise do conteúdo trabalhado com os estudantes e quais metodologias foram utilizadas, como forma de mostrar que é possível

---

<sup>4</sup> Rede de Mulheres Negras de Pernambuco é uma organização sem fins lucrativos de um movimento de mulheres negras que lutam contra o racismo e seus paradigmas.

<sup>5</sup> Rede Nacional de Feministas Antiproibicionista é uma organização política feminista, atirracista, supra patidária e anticapitalista.

trabalhar suas práticas educativas de diversas maneiras envolvendo todos da escola.

Portanto, os instrumentos utilizados para a coleta de dados são significativos e só a partir deles podemos concluir a pesquisa, os estudos qualitativos são importantes justamente por proporcionar a relação entre teoria e prática, oferecendo ferramentas eficazes para a interpretação das questões educacionais.

### **CAPÍTULO III: PRÁTICAS EDUCATIVAS NA HISTÓRIA DE VIDA DE JOANA DIAS**

O presente trabalho de conclusão de curso clama pela biografia com história de vida e oral e elementos documentais como possibilidade de alcançarmos nosso objetivo de pesquisa de “entender a história de vida e o que motivou a educadora a seguir essas práticas dentro da escola” refletindo sobre sua subjetivação e sua formação profissional. Josso (2004, p. 39 apud DOS SANTOS et al, 2020, p. 26) defende que o que faz a experiência formadora como sendo

É uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros.

Conforme disposto no capítulo metodológico, mostra-se essencial trazer além dos registros documentais de história de vida constantes no bojo dos materiais didáticos que analisamos, como também apresentar como crucial o uso da ferramenta da entrevista, diante do tema e das questões que a presente pesquisadora se coloca estudo sobre as narrativas docentes acerca da luta antirracista em sala de aula, uma vez que “tais narrativas devem ser, elas mesmas, objeto de análise” (ALBERTI, 2005, p. 30).

#### **3.1 A história de vida de Joana Dias: singularidade, interseccionalidade e subjetivações de uma professora**

Iniciaremos nossa análise a partir de questões que surgem da vida de Joana Dias, seus processos de subjetivação, e nele seu empoderamento e desenvolvimento de sua singularidade afrocentrada pautada na multiplicidade de elementos que compõe sua subjetividade. Corroboraremos a importância do resgate da ancestralidade em sua infância como pontes de reconexão com sua autoestima, como fonte de respeito e fortalecimento da responsabilidade como futura guardiã das tradições na cultura afrobrasileira.

O resgate da ancestralidade traz claramente nas narrativas de Joana Dias a capacidade de provocar costuras psíquicas necessárias para que sua identidade, outrora fragmentada pela vivência racista, sejam reconstruídas de forma saudável para posituação do “eu” e, logo da autoestima, e o trabalho de reforço da ideia de coletividade, valendo-se dos referenciais ancestrais positivos (CARDOSO; ARAÚJO, 2020).

Assim, partindo do prelúdio acima, nascida em Recife, no dia 03 de junho de 1983, na família Dias, Joana carrega o sangue preto nas veias que percorrem seu corpo. A sua ancestralidade ensinou desde sempre o significado de coletivismo; do cuidado; do sentar no chão e ouvir a sabedoria em forma de história da sua tia Cleide, carinhosamente chamada de Môm. “A minha vida como afrodescendente foi sempre permeada pelo debate dentro do seio familiar. A história de nosso povo sempre nos interessou demais” (DIAS, 2019). A partir disso, percebe-se o campo familiar crescendo o generoso cuidado em fortalecer uma criança preta para enfrentar duramente o racismo fora das portas de sua casa.

A sua infância foi repleta de axé trazido pela sua mãe, Ana Dias, levando-a aos cultos de sua religião, “mulher de força e doçura incrível, me ensinou muito dentro da Umbanda, que cultuava e que lhe segurava nas agruras da vida de mulher preta” (DIAS, 2019). Dessa forma, é imperativo compreendermos que

As experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero. Ambas as categorias precisam ser ampliadas para que possamos abordar as questões de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam (CRENSHAW, 2002, p. 8).

Enquanto no seu espaço de vivência havia descobertas incríveis sobre a sua ancestralidade, sobre os movimentos das danças afro-brasileiras; os cultos das religiões de matriz africanas e indígenas; sobre a África ser um continente-mãe, dentro da família Dias, a Joana criança crescia na perspectiva do autocuidado como menina preta e se enchia com as sabedorias que os debates entre os familiares enriquecendo sua vida e fortalecendo em casa para enfrentar a luta racial na sociedade.



Era em seu seio familiar que se consolidava a identidade da criança preta, pois foi a partir deste ambiente que seu tio Alexandre Dias a levava, quando criança, para os espaços de diálogos do Movimento Negro Unificado, mostrando-a a história com um olhar diferente e contado por negras e negros que buscavam, e ainda buscam, a luta pelo direito dos iguais. Importa desde sempre inferir que “um projeto coletivo de mudanças sociais, independentemente da diversificação cultural dos vários grupos étnicos que compõem a sociedade, considera que as diferenças culturais e étnicas são enriquecedoras na conformação e organização do tecido social” (LOPES, 2005, p. 186).

Maria da Glória Gohn (2010) registra que o “movimento Afrodescendente” surgiu na década de 70 quando as suas pautas relativas às manifestações culturais se integram ao movimento de construção de identidade e luta contra a discriminação racial. Neste sentido, Pereira (2010, p. 81) afirma o que se segue:

Considero o movimento negro organizado como um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial. Sua formação é complexa e engloba o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de práticas culturais de estratégias políticas, de iniciativas educacionais etc.; o que faz a diversidade e pluralidade característica desse movimento social.

Importa trazer ainda outra construção de Maria da Glória Gohn (1997 p. 251-252) quanto às ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país e que criam um campo de força social na sociedade civil.

As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciadas pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio de solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados.

Observe-se que o preconceito racial é frequente no espaço escolar e na História do Brasil e trouxe para a população negra uma invisibilidade e a colocou à margem da sociedade contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento

de inferioridade em relação às demais etnias. Neste contexto, são as crianças negras que mais sofrem com a produção e reprodução de um modelo eurocêntrico, enraizado a partir do processo histórico de escravidão e suas atualizações (CARDOSO, ARAÚJO, 2020, p. 33). Neste sentido, Joana Dias traz narrativas sobre as suas inserções no sistema escolar durante a infância:

Na verdade, o fato de eu ter passado muito tempo numa escola racista (...) em uma escola que nunca me ajudou a passar pelas situações de racismo e que nunca me mostrou quem realmente era o povo preto, qual realmente era minha história, a não ser quando eu estava em projetos paralelos à sala de aula, sabe? Mas na sala de aula nunca...

Assim, Joana Dias encarou sua vivência escolar repleta de racismo. Ela conta que os conteúdos didáticos se negavam a mostrar outra história do povo preto além do doloroso período escravocrata, isso remetia em lembranças depreciativas relacionada à imagem dela como uma criança preta, “quando eu chegava chorosa da escola porque sofria racismo, [...] era lembrada apenas como a escrava que ganhou abolição” (DIAS, 2019).

Neste sentido, Eliane Cavalleiro (2005, p. 13) que discute a dinâmica racista em sala de aula traz que estes são “ingredientes caros ao processo discriminatório no cotidiano escolar” e De Melo (2015, p. 67) nos faz refletir sobre “como abordar ou tratar de sofrimentos construídos na e pela linguagem, que se tornam ação ao serem enunciados e que marcam os corpos e as práticas sociais”.

Nesse momento a trajetória foi uma maneira de Joana fortalecer-se ao saber da farsa do sistema educacional que não permitia ensinar às crianças a verdadeira trajetória da população negra, sem ser enfeitada pelo dia 13 de maio, lembrança em que Joana vivenciava em sua escola com “pinturas de desenhos de negros escravizados sendo libertados e com louvores incansáveis à Princesa Isabel e sua Lei Áurea” (DIAS, 2019).

Registre-se que o olhar da historiografia sobre a infância e a negritude, deixa clara a invisibilização de crianças negras, assim como, um tratamento diferenciado em relação às infantess brancas, baseado em uma “linguagem não-verbal, por meio de atitudes, gestos e tons de voz que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças negras em relação ao seu pertencimento racial”

(OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p. 212 apud CARDOSO; ARAÚJO, 2020, p. 34).

Dentro deste contexto, a família Dias teve sua história marcada pelo assassinato do irmão de Joana. Lucas foi morto logo após comemorar os seus 17 anos, “na vida de mãe preta que perdeu um filho, assassinado e que teve que procurar o corpo junto com a polícia, no meio de uma mata vizinha a nosso bairro” (DIAS, 2019). Ana Dias, mãe de Joana, uma preta, mulher e mãe, utilizando a sua força para lidar com uma situação de morte inconclusiva, colocando seu luto de lado e o transformando em luta, gerando educações outras na vida de sua filha. Dessa forma, trago para a discussão o seguinte pensamento,

Cabe salientar que, nos relatos, não há espaço para lamentações: suas histórias falam de necessidades materiais, de discriminação e do sofrimento provocado pela exclusão, porém, estas não são trajetórias de vítimas, pelo contrário, são histórias de mulheres que inspiraram e serviram de exemplo às ativistas pela capacidade de enfrentar os insucessos (CARDOSO, 2012, p. 157).

Reforcemos que a vida de Joana é marcada por mais um jovem preto sendo morto e, segundo dados do Mapa da Violência de 2014, a cada 23 minutos dentro do Brasil acontece um homicídio de um jovem preto, isso revela o que acontece com a população negra quando não se é fortalecido caminhos para a ascendência pessoal; quando não se é pensado em políticas públicas; não é apresentado uma educação antirracista dentro dos espaços escolares, dentro da vida. Registra-se ainda que o que atravessa os conflitos étnico-raciais na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola (CAVALLEIRO, 2000).

Ao adentrarmos aos elementos que configuram a identidade, singularidade e interseccionalidades defrontamo-nos com o sistema colonial, machista, elitista e moralista que se pauta na exclusão dos sujeitos e na tentativa de enquadramento ao que taxa como sendo padrão. Joana Dias traz em sua subjetividade a luta por uma diversidade que, apesar de afrocentrada como a própria se estabelece, traz outras bandeiras de luta em virtude complexidade de sua existência,

Eu, Joaquina Dias, Joana Dias, né?! Joana de Angelis Dias da Silva. Eu sou uma preta mulher, sou filha de Ana Miró e Marcelo, mãe de Letícia. Tenho 38 anos, sou candoblecista, juremeira, poeta, escritora erótica, professora, afrorreferenciada, afro-centrada, antirracista. A minha definição é profunda, sempre, é que eu sou com, por e para meu povo preto, sempre, entendeu? Em todas as instâncias possíveis e imagináveis. Então, eu sou uma pessoa pansexual e poliamorista, e quando falo em todas as instâncias mesmo, em todos os sentidos, é em todos os sentidos mesmo, na área profissional, na área pessoal, na área afetiva, tudo, tudo é por, com e para o povo preto.

Stuart Hall (2005) aponta que o descentramento da noção de identidade ocorreu devido ao impacto do feminismo em suas múltiplas faces, tanto da crítica teórica como do movimento social, uma vez : 1) contestou politicamente arenas inteiramente novas de vida social (família, sexualidade, trabalho doméstico, divisão doméstica, etc.); 2) politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres; mães/ pais, filhos/filhas); 3) contestou a posição social das mulheres e expandiu seus questionamentos para a formação das identidades sexuais e de gênero; 4) questionou a noção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, como parte da “Humanidade” com “h” maiúsculo (VIANNA DA CONCEIÇÃO; SCHEUER NEVES, 2020).

A narrativa de Joana Dias apresenta oportunidades de debates sobre a estruturação do sistema que não se estabelece exclusivamente na ordem do capital, mas em articulação deste as questões de gênero, sexualidade, raça e classe enquanto instâncias de opressão interseccionalizadas e em virtude das hierarquias que se estabelecem a partir de então, pois “o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Joana Dias fala sobre ser mulher negra:

Ser mulher negra, na verdade, é compreender que raça vem antes, entendeu? É compreender que raça vem antes de tudo sempre e que ser mulher... preta, dentro da nossa realidade, é sempre entender que a preta, negra, já traz todo, todo o sentido do que diz que nós vamos ser, sabe? Quando eu venho preta antes, a gente não é nem gente quando é preta, e as outras interseccionalidades se acumulam depois, sabe? Então, onde quer que eu chegue, eu primeiro sou preta, depois é que eu sou mulher, depois que eu sou gorda, depois que eu sou

pansexual, mesmo que não me definam assim. Me definem dependendo da situação: se eu estou com uma mulher, me definir como sapatão, se eu estou com um homem e é um homem diferente do que já me viram, me define como como rapariga, como puta, e assim vai... então, o processo todo como preta mulher é saber que meu corpo vale menos, meus filhos valem menos, que meu companheiro ou minha companheira valem menos, só, simplesmente, pelo processo de estar comigo também... Meu corpo vale menos, eu valho menos simplesmente por ser preta mulher.

Marilete Calegari Cardoso e Larisse Oliveira Araújo (2020) discorrem sobre a importância de se pensar afrorreferenciadamente, em especial a partir da infância das crianças negras que se articulam intensamente com suas culturas reproduzindo as ações dos adultos e que uma criança ligada ao lazer e às tarefas coletivas está dando continuidade à ancestralidade de seu povo, à cosmogonia de seu grupo étnico-cultural que sustenta o seu povo. Joana Dias narra essa completude:

Essa visão do preto e da mulher é a visão que se tem de mim quando me olho e a visão que eu tenho enquanto preta mulher. É a visão da ancestralidade, é a visão de toda uma história, de todo um contexto, de todo um conhecimento em uma organização que vem de milênios. É de se compreender e saber dessa história. É o que me faz compreender que é meu povo preto e o que é de meus ancestrais... E que todo um legado que me foi deixado me constrói enquanto força, enquanto inteligência, enquanto fé, enquanto crescimento, enquanto reagrupamento, enquanto união, enquanto unidade... E quando, a partir do momento que me reconheço nisso, sabe? É que eu me reencontro nesse processo de me colocar, né? Colocar minha história, colocar meu povo, colocar minha ancestralidade como centro de tudo, sabe? A partir do momento que eu reconheço quem sou, reconheço quem são os meus e as minhas, eu percebo a magnitude, a grandeza de tudo e entendo... É... De onde eu vim, para onde eu vou, e a partir disso eu consigo me afrorreferenciar em todos os sentidos.

De acordo com Pereira (2014) a marginalização imposta a população negra brasileira decorre de um passado que se sustentou por meio do racismo e da escravidão que, não obstante tenha sido abolida em 1888, permanece reafirmando a complexa dimensão das desigualdades. Complexidade essa que é diluída em múltiplas “formas e esferas de humilhação e de menosprezo pela sua intelectualidade” (PEREIRA, 2014, p. 116). A população negra, ainda julgada pela cor, permanece representando os cenários de exclusão “tão próprios de

uma sociedade despreparada para um viver em igualdade e desprovida de vontade política capaz de mudar suas trajetórias” (PEREIRA, 2014, p. 116).

Ao se auto afrorreferenciar Joana Dias estabelece outras conexões com o universo social, nesse sentido que Pereira (2014) propõem a quebra dos silêncios como uma das formas de fortalecimento da voz de negras e negros, sujeitos de sua própria história, para preencher as lacunas do passado que construíram compreensões errôneas sobre o outro e desconstruí-las, “a fim de que possamos nos libertar de uma culpa que só fez crescer o leque de desigualdades raciais em solo brasileiro” (PEREIRA, 2014, p. 117). Na contramão do sistema apontando e exemplificando sua luta, empoderamento e os desdobramentos de sua identidade, temos o que foi frisado por Joana Dias,

Sou uma pessoa de axé, sou uma pessoa de candomblé, e eu não escondo de ninguém, entendeu? Então eu vou para a escola usando minhas guias, eu vou para a escola e saio da escola para o terreiro diretamente, até quando largo, eu troco de roupa para ir direto para o terreiro, porque eu chego em cima da hora, então eu já saio vestida com a roupa de ir para o terreiro, com trajes de terreiro, então eu converso superabertamente, sabe? E quando perguntam sobre minha religião, eu explico tranquilamente, então essas conversas surgem e esse surgimento das conversas, essa organização de conversa vai surgindo com tranquilidade.

Eliane Cavalleiro (2000) denuncia ainda a ausência de mais questionamentos críticos na educação sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar, pois essa lacuna representa o despreparo de educadores/as para relacionarem-se com os alunos negros e pode evidenciar um desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar, uma vez que interagem com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades.

### **3.2. Formação e constituição do sujeito docente: uma professora, mulher, negra e periférica**

Nossa sociedade nos envolve em processos de subjetivação que nos enquadram em comportamentos e “normalidades” ao mesmo tempo em que provocam ranhuras nestas estruturas. A narrativa de vida e formação da

professora Joana Dias apresenta a sua potência e as resistências que teve que promover para alcançar as perspectivas de ensino/aprendizagem pautas numa educação antirracista.

Através de sua vontade de querer mudar o sistema, Joana, começa a se firmar como futura educadora, formada pelo curso Normal Médio da escola Sylvio Rabello, no ano de 2002, a professora Joana Dias trabalhava com turmas 1º ao 5º ano na rede municipal de Jaboatão dos Guararapes “[...] pesquisei muito, debati, estudei, tive acesso às leituras sobre a África, às danças afro-brasileiras, à religião de matriz africana e me afirmei, orgulhosamente, como negra conhecedora de sua história e pronta pra lutar para que essa história fosse contada” (DIAS, 2019).

Dos santos et al (2020) apresentam que o curso da vida não é algo predestinado ou que se possa planejar com absoluto sucesso de sua concretização, mas sim algo que deve ser construído por meio das experiências adquiridas, pelo convívio social, cultural, religioso e político. Assim, antes mesmo da implementação da Lei 10.639/03 oficializar o Ensino da História Afrodescendente e a História Africana nas escolas, a professora Joana Dias já trabalhava em suas práticas pedagógicas outro olhar sobre a população negra, pois justifica a integração das suas aulas a discussão antirracista ao afirmar que “como professora conhecedora da história afrodescendente no Brasil e a História Africana, sempre as incorporei” (DIAS, 2019).

Observe-se que no campo da investigação educacional a narrativa de formação corresponde, desde seu início, a um estágio sócio histórico particular da relação pendular entre indivíduo e sociedade e da consequente construção da vida a partir do meio em que o indivíduo se insere (DOS SANTOS et al, 2020). Neste sentido, a vontade de ser professora surge para que se possa contar suas vivências, colocar em suas práticas a base da humanidade, a África, trazendo sua história, seus milhares de povos, a mitologia, seus modos de vidas e assim, trabalhar em suas práticas docentes a ideia “de lado essa História contada com base na cultura europeia e trazer para as salas de aula a ancestralidade e força do povo negro” (DIAS, 2019), isso, de maneira voluntária e própria.

É importante trazer a formação como esse espaço coletivo de experiências, como um modo de olhar a vida, o cotidiano, o outro. A

formação na licenciatura, por exemplo, aciona para construção do educador diversos processos de (re)construção de si: a escuta, a construção de autonomia, os conhecimentos adquiridos que perpassam sobre nós, sobre nossa vida, nossa história de vida que se biografam com essa formação abrindo caminhos e espaços para um novo olhar sobre a docência em um diálogo com a minha experiência de vida.

Logo após o término do Normal Médio, a professora se iniciou no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, em que, segundo ela, não houve nenhuma disciplina que colocasse os/as futuros/futuras pedagogos/pedagogas em contato com práticas pedagógicas e materiais didáticos que trabalhassem o ensino da história afro-brasileira, pois compreende o curso de licenciatura em Pedagogia do seguinte modo: “Eu sempre disse para mim que era a continuidade do meu curso, que era a continuidade de ter o ensino superior dentro da área que eu tinha escolhido para ser professora, para seguir na vida”.

Josso (2004, p. 64 apud DOS SANTOS et al, 2020, p. 27) discorre sobre a experiência formadora que se estabelece a partir de nos narrarmos, contarmos e recontarmos nossas histórias a cada fato experienciado e que a formação na universidade também dialoga nesse sentido, “compondo camadas de si numa reinvenção da vida contada, narrada e biografada”.

Neste ínterim, Joana Dias afirmou que “foi uma parte da minha vida muito importante, porque foi no Normal Médio que eu decidi ser professora, que eu decidi seguir realmente” e aponta que mesmo sendo “pedagoga formada pela Universidade Federal de Pernambuco, antes de ser pedagoga eu fiz Normal Médio, que é um antigo magistério, e foi pelo normal médio que fui professora”.

Complementando essa ideia, acrescentamos de Josso (2004 apud DOS SANTOS, 2020) que o que faz a experiência formadora é a aprendizagem que “articula, hierarquicamente: saber, fazer e conhecimentos, funcionalidades e significações, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros”. Como seria possível mudar a educação se o próprio curso profissionalizante não ensinasse ou lidasse com as relações étnico-raciais dentro da sala, dentro da vida como um todo. Dessa



forma, inicia-se mais uma vontade de Joana Dias de mudar o sistema, visando a melhoria da educação e da autoestima das crianças pretas.

Sou professora pelas redes de Jaboatão e de Recife. Eu comecei a trabalhar nessas redes... A rede de Jaboatão, por exemplo, eu entrei antes da Universidade... Eu entrei muito novinha, entrei com 19 anos, ia fazer 20, perto de fazer 20... E a de Recife eu entrei pouco antes de me formar em pedagogia, então, entrei nas duas ainda sem ser pedagoga formada, em Jaboatão, alguns meses antes de entrar na Universidade, e Recife eu entrei cerca de um ano antes de sair da universidade.

Nessa perspectiva, a análise de história de vida da professora, enquanto ferramenta metodológica possibilitou um olhar diverso para a constituição da docente que não se restringiu ao conhecimento científico e à formação acadêmica/técnica, mas que lhe possibilitou um rever-se pela ressignificação destes espaços educacionais a partir de saberes constituídos por outros caminhos que também nos formam professores por experiências pessoais e memórias.

Eu sempre disse que quando eu me formasse, eu voltaria para a mesma comunidade, para a mesma escola que eu aprendi, a mesma escola que eles estudam, na mesma escola que eu cresci. E não consegui voltar exatamente para a mesma escola, porque não tinha vaga lá, mas eu voltei para o meu bairro, entendeu? Eu voltei para o bairro que eu que moro, entendeu? Eu voltei para a parte alta que é o Pascoal, eu voltei para comunidade que eu moro e fiz um trabalho lá por quinze anos, entendeu?... Exatamente do jeito que eu tinha planejado, o objetivo foi exatamente esse. Então, já entrei na Universidade sabendo que ali não era o lugar que eu ia ficar, porque eu nunca sonhei nem quis fazer a carreira acadêmica dentro da Universidade. Eu sabia que o meu lugar era na minha comunidade, fazendo com que é a educação antirracista, afroreferenciada e afrocentrada se concentrasse dentro da favela que eu cresci.

Silva e Barbosa (1997 apud DA SILVA, 2011) apontam que quanto maior for o número de descendentes de africanos que se veem como parte integrante da sociedade brasileira que ajudam, há quatro séculos, a construir material ideológico, mais contundente se torna sua luta para transformar a sociedade, pois não se trata apenas de denunciar as opressões desde sempre sofridas, tampouco de proclamarem-se humanos diante dos que os desumanizam, mas

sim expressar conhecimento crítico da realidade vivida e a partir dele organizar ações. Joana Dias nos coroa com a seguinte afirmação:

Eu estou sempre nesse processo de aprender sobre tudo, sobre o mundo inteiro e fazer sempre as conexões com África mesmo. Eu acho que tudo que remete à África, que na verdade África sou eu, entendeu? Sou eu, são meus irmãos e minhas irmãs, somos nós o tempo todo tecendo relações com o que acontece hoje, com o que aconteceu no passado, com o que vai acontecer no futuro e com tudo que a gente tem. O que me instiga ao processo sempre é sobre isso mesmo, é sobre nós, é sobre o entendimento de nós e de tanta coisa que não nos foi ensinado, que nunca nos foi dito, que nos foi roubada, que nos foi tomada e que a gente precisa de muito esforço, muita luta, muita. Correr atrás para conseguir desvendar e aprender.

Seguindo nas discussões, como afirmam Silva e Barbosa (1997 apud DA SILVA, 2011), é no discurso das vivências que a teoria se organiza não só para situá-la, mas para propor ações para mudança: mudança de pensar, mudança de olhar, mudança de agir. De fato, as concepções justificam as práticas, refletindo criticamente o real muda-se a si próprio enquanto pessoa, profissional e pesquisador e, conseqüentemente há ressonâncias impactantes sobre a realidade local, do entorno.

A necessidade de mudança nas articulações de ensino/aprendizagem urge em virtude dos males do sistema eivado pelo racismo estrutural que apresenta conseqüências imediatas ao currículo que invisibiliza e silencia ampliando e se desdobrando em fenômenos como a “reclusão, introjeção, baixa autoestima, vergonha de sua própria raça, o próprio preconceito contra outra criança negra (mais clara ou mais escura) e o medo de se expor e de falar mais alto colocam em risco o desenvolvimento de crianças negras e a continuidade da cultura afro-brasileira” (CARDOSO, ARAÚJO, 2020, p. 37). Neste sentido, Joana Dias expôs em sua entrevista o que se segue:

Eu precisava voltar para lá, eu precisava voltar para a escola, eu precisava voltar para que não tivessem mais Joaninhas que viviam perdidas como eu dentro da escola, fora não, fora eu sabia de muita coisa, mas dentro não. A escola, para mim, nunca foi um referencial para saber quem eu era e eu não queria que outras meninas, crianças pretas, passassem o mesmo que eu passei.

Detalha-se neste processo que a formação se configura em múltiplas e diferentes dimensões, organizada exteriormente ao sujeito ou do ponto de vista do sujeito, entendida como a formação que se ativa como iniciativa pessoal na qual é possível perceber a importância dos processos de formação enquanto uma das pedras angulares nos movimentos da educação. Compreende-se a formação inicial como uma prática social com funções determinadas em termos de reprodução, de regulação e de manutenção do sistema vigente e que, ao mesmo tempo, se expressa com valores contraditórios e práticas controversas (FERNANDES, 2008).

### **3.3. Práticas pedagógicas antirracistas: olhares supracurriculares sobre o fazer docente**

A sociedade atual tem percorrido itinerários éticos para a questão das relações étnico raciais e a possibilidade de uma discussão antirracista nas disciplinas obrigatórias dos cursos de licenciatura (optativas em outros) representa avanços nos currículos e na formação docente. Contudo, aspectos que se entrelaçam ao racismo estrutural permanecem ainda ativos e dominantes nas relações sociais, requerendo de professoras/professores a utilização de estratégias para a diminuição das desigualdades.

A sociedade moderna, burguesa, capitalista, fabrica contínua e reiteradamente a questão racial, assim como as desigualdades masculino-feminino, o contraponto natureza e sociedade e as contradições de classes sociais, além de outros problemas com implicações práticas e teóricas. São enigmas que nascem e se desenvolvem com a modernidade, por dentro e por fora do “desencantamento do mundo”. Apesar de inegáveis conquistas sociais realizadas no curso dos tempos modernos, esses e outros enigmas se criam e se recriam, se desenvolvem e se transfiguram em diferentes círculos de relações sociais, não em sociedades nacionais, como também na sociedade mundial (IANNE, 2004, p. 28).

Diante desta questão, não se exige de nós maiores desdobramento para compreendermos que as mais afligidas pelo sistema são as crianças negras que são violentadas em seus direitos, invisibilizadas, hostilizadas e marginalizadas “as crianças negras estão sendo ensinadas para o silêncio, submissão e conformação com a desvalorização que lhes são atribuídas” (CORRÊA; SANTOS, 2020, p.703).

A tarefa árdua do sistema educacional é de socializar e humanizar os sujeitos através do ensino e aprendizagem, mas também nas interações sociais decorrentes da convivência e do autorreconhecimento por vias construtivas, dialógicas e participativas de compreensão de seus contextos sociais e históricos. Neste sentido, o currículo escolar surge como uma ferramenta de mudança potente, mas também como reproduzidor do sistema racista e opressor. A subversão ao currículo convencional por Joana Dias, a partir de práticas pedagógicas antirracistas entrelaça-se com o interesse por conseguir um conhecimento mais penetrante sobre a realidade escolar e da realidade de forma geral.

O currículo é racista, entendeu? Por isso que a gente tem que ser antirracista dentro do currículo. O currículo vem todo branco, então quando a gente tira a branquidão do currículo, o currículo se apresenta... A gente organiza as atividades sem essa branquidão do currículo, então as crianças vão se encontrando dentro dessas atividades, vão se vendo, vão se reconhecendo, vão se entendendo dentro dessas atividades, e aí esse entendimento, essa organização, vai dando segurança e suporte para todo mundo.

O currículo deve auxiliar na prática pedagógica e o professor deve usá-lo como base para selecionar e organizar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. A escola também apresenta seu papel na construção do conhecimento dos alunos. Na educação e com base no contexto atual, o currículo deve se pautar na perspectiva crítica e na prática social de caráter ético, na qual os valores que presidem sua intencionalidade devem ser traduzidos em princípios de procedimentos que dirijam e que se realizem ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem (SACRISTÁN, 2000). Joana Dias dispõe que

O processo é esse, o processo de aprendizagem, nesse quesito, e o processo de organização e adaptação para que esses ensinamentos cheguem de fácil entendimento para as crianças com quem eu trabalho. É o objetivo de preparar materiais, de organizar para que as crianças tenham acesso a tudo o que eu aprendo, entendesse? Que eu consiga colocar de maneira que elas consigam assimilar do jeitinho delas também, então é isso que move meu ensino-aprendizagem e aprendizagem como um todo.

A função da escola é de justamente provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e propor a reconstrução das concepções acríticas e isto requer uma transformação radical das práticas pedagógicas, das funções e atribuições dos professores (VERDUM, 2013). É nesta perspectiva

que Joana Dias propõe uma metodologia e prática pautada em um discurso afrocentrado:

Entender que os ensinamentos de África através de exemplos contribuem para organizar as crianças e para pensar, por isso que é afroreferenciada, afrocentrada, é nesse sentido de pegar esses ensinamentos e tentar aplicar de toda maneira possível nas coisas que a gente faz em sala de aula.

Cleoni Fernandes (2010, p. 331) acrescenta que a prática intencional de ensino e aprendizagem não está reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas está “articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática - teoria, conteúdo - forma e perspectivas interdisciplinares”. Joana Dias nos propõe que:

Sempre tenha consciência de trabalhar com África no centro, ser afrocentrada, de ser afroreferenciada, partia de ensinamentos que são visões de mundo e que são para vivência total a partir da vivência na educação. É uma vivência total, é uma vivência que a gente leva para a vida toda em todas as instâncias, então eu não posso ser apenas na escola e na minha vida pessoal não ser. África no centro sempre! Ter África no centro é utilizar o máximo que eu puder em tudo que eu puder utilizar então eu transformo o tempo inteiro, eu produzo materiais e faço a distribuição gratuita porque é sobre isso, é sobre levar a informação e o conhecimento para a maioria das pessoas. As pessoas brancas estão no material das escolas públicas onde a maioria que está lá são as pessoas pretas e são utilizadas por pessoas brancas dando aula para pessoas pretas. O objetivo do meu material é chegar nas pessoas pretas, que as pessoas pretas tenham acesso a sua história e assim a gente vai seguindo.

Priscila de Lima Verdum (2013) apresenta o processo de Formação de professores como sendo constituído por essa relação intrínseca entre trajetória pessoal, profissional e percurso formativo, o qual envolve caminhos que vão desde a formação inicial, abarcando o exercício continuado da docência nos diversos espaços institucionais em que se desenrola e que os percursos formativos escolhidos são extremamente importantes, pois constituem o modo de atuação do professor.

A fim de desenvolvermos os desdobramentos dos dados coletados, urge que analisemos justamente as práticas pedagógicas antirracistas utilizadas e desenvolvidas pela professora Joana Dias a partir de suas vivências com crianças no ensino básico público. Para tanto, partiremos da compreensão de

prática pedagógica como elemento de compreensão e transformação do ensino, a partir do que descrevem Gimeno Sacristán e Pérez Gómez (1998, p. 379):

Processo de ação e de reflexão cooperativa, de indagação e experimentação, no qual o professor/a aprende e ensina porque aprende, intervém para facilitar, e não para impor, nem substituir a compreensão dos alunos/as, a reconstrução do seu conhecimento experiencial; e ao refletir sobre a sua intervenção exerce e desenvolve sua própria compreensão.

Percebe-se que no Brasil ser negro é tornar-se negro e o conhecimento dessas questões ajuda a superar o medo e o desprezo às diferenças raciais ainda presente no ambiente escolar e a compreender essa complexidade é tarefa dos(as) profissionais da educação e da escola que deve ser cidadã e democrática. Para isso não se pode deixar de incluir a questão racial no seu currículo e na sua prática como as enunciações sobre o negro e ouvir as vozes e os silêncios sobre a questão racial no cotidiano escolar enquanto caminhos que nos ajudam a propor uma prática escolar pautada no princípio constitucional da proibição do racismo no interior da escola que vão desde a escolha do professor ao tratamento dado aos pais/mães e aos(as) alunos(as) negros(as) (LEITE, 2004). Neste sentido, Joana Dias narra que:

Quando você sabe sua história, quando você se reconhece, o seu andar muda, porque você sabe de onde você veio. Esse trabalho de você saber de onde vem, essa história que nos foi roubada, do plano, né? O racismo é um crime muito bem feito, crime perfeito, na verdade, e você saber sua história lhe dá a segurança. Então, eu vi muitas crianças, essa segurança que sabe, essa altivez, esse orgulho, essa segurança de poder contar com as pessoas que compreendiam sua situação, sabe? E vendo os olhos também muita alegria de ter uma professora preta que entendia ele como criança preta, também tem muito disso em todas as situações.

O professor não ensina apenas as disciplinas, sua atitude ensina, seus gestos falam, e ao ensinar uma disciplina, ele não está ensinando somente determinados conteúdos, mas está ensinando modos de ser e estar no mundo, atitudes em relação à realidade e à convivência social. É preciso que a/o aluna/o vivencie a proposta e veja nas ações do professor a corporificação de princípios para alcançar a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e modos de atuação dos alunos/as para além da transmissão ou do intercâmbio de ideias, por mais ricas e fecundas que sejam. O ensino/aprendizagem efetiva-se mediante as vivências de tipos de relações sociais na aula e na escola, de experiências de

aprendizagem, intercâmbio e atuação que justifiquem e requeiram novos modos de pensar e fazer (VERDUM, 2013).

Para colocar esses novos modos de pensar em prática é preciso trabalhar no cotidiano incorporando o discurso da diferença, mas não como um desvio, e sim como algo que enriquece as práticas e as relações entre as crianças, possibilitando, desde cedo, o enfrentamento de práticas de racismo. Ter posturas mais abertas às diferenças e, conseqüentemente, poder ser um terreno fértil para a construção de uma sociedade mais plural (CARDOSO; ARAÚJO, 2020). Joana Dias dispôs em sua entrevista justamente esse outro olhar, a execução desses novos modos de pensar, pautando-se na história e representatividade do povo negro:

Saber da história do seu povo, saber como seu povo se organiza o que seu povo fez e faz até hoje. O empoderamento de saber de onde veio e para onde vai e isso conta muito na questão do seu engrandecimento enquanto pessoa mesmo e enquanto ser que está em constante evolução e que não quer voltar a assim branca e sido como projeto de tanque tem que ser.

Joana Dias, insere de maneira interdisciplinar os diferentes países africanos e suas contribuições com/para o Brasil, trazendo negros e negras - literatura: poetas, escritores; filósofos: pensadores e saberes; música: instrumentos africanos, afro-brasileiros, indígenas e musicistas; militância: ativistas, histórias sobre a luta da população negra, entre outros métodos. Carlos Marcelo (2009, p. 07 apud DOS SANTOS et al, 2020, p. 29) aponta que:

É uma construção do eu profissional, que evolui ao longo das suas carreiras. Que pode ser influenciado pela escola, pelas reformas e contextos políticos, e que integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional. As identidades profissionais configuram um complexo emaranhado de histórias, conhecimentos, processos e rituais.

A docente produziu, até o ano de 2021, 7 (sete) materiais didáticos com diferentes olhares, iniciando pelo Manual de Atividades com Contos Africanos que reúne, inicialmente, indicações de livros com contos, tendo como protagonista negras e negros, estimulando a circulação de novos caminhos que foge da literatura eurocêntrica. Essas atividades buscam correlacionar cultura, diversidade, geografia, história africana e afro-brasileira, utilizando arte como

instrumento, através das músicas, vídeos, infográficos, cartazes, excursões e etc.

No material intitulado “Heroínas do Brasil” traz as discussões de gênero vinculadas a construções e performances atinentes a uma diferença na educação dada a homens e mulheres dentro do sistema educacional, por refletirem os papéis que a sociedade espera que desempenhem “nossa sociedade ensina ao homem, e não à mulher, que deve realizar, progredir, criar. Esta deferência dirigida ao homem é particularmente evidente nos livros escolares usados por crianças na escola primária” (ROSEMBERG; MOURA; SILVA; 2009, p. 451).

Nos materiais encontramos o apoio de redes importantes na execução do Livro 1 – “Contos africanos: a ancestralidade guiando nossos passos”, pois obtemos do trabalho de Joana Dias sua vivência articulada a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco<sup>6</sup>, que busca mobilizar ativistas de todos os setores da sociedade e regiões do estado, sendo organizadas pelos pilares da identidade, ancestralidade e resistência.

A ideia desse material foi levar às mulheres em privação de liberdade, da Colônia Penal do Bom-Pastor a um retorno às suas raízes, falando sobre o continente Africano e seus olhares sobre a humanidade, tendo como parte do projeto as rodas de diálogos sobre maternidade preta e conversas sobre autocuidado. Para isso acontecer, houve a parceria com a RENFA<sup>7</sup>, que atua pelos direitos das mulheres, em especial, usuárias de drogas, encarceradas, moradoras de rua, profissionais do sexo e LGBTQIA+. Neste sentido, o ativismo de Joana Dias comprova sua luta e da população negra pela inclusão no “processo de escolarização oficial evidencia que mesmo à margem da cidadania, os negros acompanharam os processos de compactação da nação brasileira e nele exerceram influência” (CRUZ, 2005, p. 29).

Além do material didático já citados, Joana Dias adota outros parâmetros (afrocentrados) para desenvolver suas habilidades de formadora e estimuladora

---

<sup>6</sup> Rede de Mulheres Negras de Pernambuco é uma organização antirracista de mulheres negras que combatem o patriarcado e o racismo estrutural.

<sup>7</sup> Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas é uma organização política feminista, antirracista, suprapartidária e anticapitalista, criada para atuar em rede na luta pelos direitos humanos e fortalecimento de mulheres e pessoas trans.



do pensamento e da inteligência do aluno e elementos constitutivos do saber docente, trabalhando com esses numa perspectiva crítica e reflexiva, a fim de superar as principais problemáticas vividas por professores em geral e que se articulam da seguinte forma: 1) dicotomia teoria-prática; 2) ruptura entre formação nas disciplinas específicas e a formação pedagógica; 3) a fragmentação do conhecimento, constituída por disciplinas estanques (VERDUM, 2013).

Da mesma forma, o Caderno de Atividades Afrocentradas, produzido e coordenado pedagogicamente por Joana Dias, foi executado em suas aulas com as turmas do 3º e 5º ano das duas escolas das redes municipais de Recife e Jaboatão. O objetivo é fazer com que as crianças pretas se reconheçam, utilizando a música e os desenhos como instrumento. A educadora cita para os seus estudantes alguns músicos negros como Edson Gomes e MC Soffia, dirigindo canções que falam sobre ancestralidade e autocuidado.

Seguindo ainda na análise do material didático usado em sala de aula e da musicalidade é extremamente presente no material “Orin: música preta na sala de aula!”, em que é reunido letra, foto da cantora e/ou cantor, atividade pedagógica que objetivam a consolidação do alfabeto. Em observação, o material produzido pode ser utilizado nas modalidades de Ensino Fundamental e a EJA, já que não é infantilizado, podendo assim alcançar um público maior.

Os professores são compreendidos como ativistas políticos e sujeitos comprometidos com o seu contexto, são considerados, portanto, profissionais autônomos que refletem tanto sobre a sua prática cotidiana, quanto sobre o contexto em que o ensino ocorre. Tal modelo destaca a prática como importante fonte de conhecimento dos professores sobre o ensino e sobre o aprender a ensinar, ressaltando a importância de refletir a partir dela, porém, não numa perspectiva somente instrumental, técnica, incorporando também, um compromisso ético e social (VERDUM, 2013, p. 97).

Por fim, o Afrobetário, criado em junção de colegas de profissão, tem como objetivo mostrar as letras do alfabeto de forma afroreferenciada, utilizando palavras desconhecidas pelas crianças, mas com um grande propósito de aumentar o nosso dicionário afro-brasileiro, “assim, o reconhecimento da significação social e política da intervenção educativa se transforma, por vezes,

em práticas de oposição, em ações e estratégias que ampliam o significado da prática profissional do ensino” (VERDUM, 2013, p. 98).

Resta claro que o saber profissional de Joana Dias não provém apenas da formação, da experiência, vem também da sua história de vida pessoal utilizando-se de várias concepções em seu agir em sala de aula, em função, ao mesmo tempo, de sua realidade cotidiana, de sua biografia, crenças, valores e de suas necessidades, recursos e limitações (TARDIF, 2002).

Em “Kwanzaa”, o material criado é usado no mês de dezembro de 2020 e propõem-se a uma época natalina africana, típica dos povos ancestrais pois é a festa da vitória da vida contra a morte, da luz contra as trevas, da colheita farta que garantia a continuidade do povo contra a ameaça da fome e do extermínio. Nesse material, vemos a importância de trazer outros aspectos acima do tradicionalismo excludente eurocêntrico que não trabalha formas diferentes de épocas festivas, dessa forma, os estudantes aprendem outras possibilidades além do corriqueiro, pois Joana Dias aponta em seu material que o “saber da ancestralidade é saber de nós!” (DIAS, 2020).

Segundo Frantz Fanon (2008), o colonialismo construiu a chamada inferioridade do colonizado que, uma vez derrotado e dominado, acaba por aceitar e internalizar esta ideia. Dessa forma, lutar contra o sistema que já nos coloca em lugares definidos fica extremamente difícil, isso porque o colonizador se sustenta no racismo para estruturar a colonização e justificar sua intervenção, pois, através da difusão ideológica da suposta superioridade do colonizador sua ação é vista como benefício e não como violência, o que resulta na culpa do colonizado em saber se está fazendo realmente certo ir contra a lógica eurocêntrica, essa alienação colonial adoece, destrói e reproduz os comportamentos racistas.

Coaduna-se ao material aqui descrito que o ensino se torna uma atividade crítica “uma prática social saturada de opções de caráter ético, a qual os valores que presidem sua intencionalidade devem ser traduzidos em princípios de procedimentos que dirijam e que se realizem ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem” (SACRISTÁN; PÉREZ GOMÉZ, 1998, p. 373).

Para a modificação sistêmica e crítica a professora Joana Dias trabalha em suas atividades a conversão de pensamentos racistas das crianças através de atividades e repreensão na fala, atitudes, como cita em uma situação<sup>8</sup>:

As cenas de racismo na escola são constantes. Nas minhas salas de aula essas coisas vão diminuindo constantemente. Uma cena de racismo que aconteceu que foi bem pesada. Pesada, assim, a situação como um todo, né? Foi a cena de uma aluna branca [aluna 01] que chegou para mim e disse: - "Tia, a [aluna 02] disse que ia arrastar minha cara no chão". Eu disse: - "Foi? Chame [aluna 02]", aí chegou a [aluna 02] indignada, e disse: - "Disse e digo de novo. Eu já disse a ela, se ela me chamar de macaca eu arrasto a cara dela". Aí eu: - "Hum, [aluna 01], quer dizer que você cometeu um crime contra [aluna 02]?", sim, meu amor, racismo é crime... [aluna 02], e aí, você decide: a gente vai chamar a polícia? Então deixei [aluna 02] se expressar e dizer que não era macaca. A [aluna 02] dizer com orgulho ser negra, que a família dela era toda negra. A [aluna 02] era muito bem organizada e aí eu disse: - "Pronto, olhe, [aluna 01], isso é um crime que acontece quando você chama uma pessoa negra de macaca, você está dizendo que essa pessoa não tem humanidade, que nós todos da cor da nossa pele, não merecemos ser pessoas humanas, que nós merecemos menos do que você e que tudo o que acontecer com a gente é bom, porque a gente não é nada. É isso que você acha de mim?". Encarando-a, disse: "É isso que você acha de mim? Quer dizer que sou isso também? Quer dizer que eu sou macaca igual a [aluna 02]? Não tem como, porque se você chamou a [aluna 02] de macaca está chamando todas as pessoas negras de macaca, então. Eu sou macaca também, não é? Na sua concepção, porque eu sei que não sou, viu? Que ela também sabe que não é". A [aluna 02]: - "Lógico que eu não sou macaca nem nada".

Para essa discussão Candau (2008) argumenta que o racismo expulsa negros e negras da escola e, portanto, a questão racial não é exclusiva dos negros. Ela é da população brasileira. Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras, se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditos e outros gestos influem na educação.

Nesse sentido o posicionamento da professora em defender a sua aluna que acabou de sofrer racismo, deixando-a se expressar e enfatizar o racismo como um crime é uma atitude que deveria ser recorrente nas escolas. Assim como foi citado no Capítulo I, a construção e o desenvolvimento do eu parte, também da relação com o outro (WALLON, 1975). É de extrema importância que

---

<sup>8</sup> Os verdadeiros nomes das crianças foram preservados por falta de autorização. Estaremos nomeando a criança branca de aluna 01 e a criança negra de aluna 02.

o profissional quando, encarar uma situação como está traga a conclusão para o caso da maneira mais racional possível. Nesta situação, a aluna negra da professora Joana Dias saiu desse ato criminoso construindo seu itinerário ético de justiça racial, tanto por terem prestado atenção no seu sentimento, quanto em seus direitos enquanto cidadã. Se essa situação tivesse sido vivida por outro profissional de educação (como de fato acontece de forma semelhante em várias escolas do Brasil à fora, talvez mais um/uma aluno/aluna tivesse sofrido com o racismo na escola.

Discutindo negritude e educação, podemos concluir que o espaço escolar não é um campo neutro, onde os conflitos raciais e sociais permanecem do lado de fora, a respeito da existência do racismo e suas nuances, é preciso minimizar as situações em que o racismo institucional vem atuando e, a partir daí, criar estratégias de diálogo e combate contra o racismo no interior das instituições.

Por isso, é importante a resistência de educadoras como Joana Dias, que se une à outras mulheres negras que querem e vão modificar o sistema, começando dos pequenos detalhes, fugindo, segundo Fanon (2008), do processo de embranquecimento, ou seja, a negação de ser negro. Este processo é alimentado pelo colonialismo, pois o objetivo prioritário da formação e desenvolvimento profissional dos docentes deve se situar na reconstrução do pensamento prático cotidiano, isto é, na facilitação da reflexão para além dos saberes teóricos e metodológicos (VERDUM, 2013).

Para encerramos esse capítulo trazemos o que Cleoni Fernandes (2008, p.148) chama de memória educativa: “a maneira como os recortes que os sujeitos trazem dos fatos, que são a representação de suas realidades, engravidadas de significados, são reinterpretadas na dialética da relação escola, conhecimento e vida” e apresentamos um dos frutos da luta de Joana Dias por uma educação antirracista ao reencontrar um aluno egresso da escola ao qual lecionou entre 2006 e 2007:

Ele me mandou uma mensagem dizendo que graças a mim depois de adulto conseguiu ir atrás da etnia indígena dele. Ele fez o caminho de volta e reencontrou seu povo indígena e foi graças ao trabalho sobre a importância da ancestralidade que eu fazia sempre na aula. É sobre se encontrar, sobre se entender.

## CONCLUSÃO

Ao longo de todo o trabalho foi discutido alguns fundamentos referentes a esse processo como a construção da identidade seguindo os pensamentos de alguns teóricos ligados às áreas de conhecimento: Sociologia, Psicologia, Filosofia e Educação. Assim, como foi repensado o papel da preta, mulher, com qual se identifica a professora Joana Dias e da forma como a sociedade a designa no corpo social, fazendo com que entendêssemos quais os motivos que a levaram a seguir, em sua vida profissional, a educação.

Também foi discutida a construção de boas práticas educativas e uma educação antirracista. É perceptível que o caminhar nos processos educativos da professora Joana Dias está ligado à sua trajetória pessoal e, conseqüentemente, às suas marcas de vida, com isso, esses aspectos se interpenetram e não se dissociam.

Quando criança, a professora Joana Dias sofria com o racismo nos espaços escolares, presentes nas falas das outras crianças ou ações (omissões) das professoras que passaram por seu processo educacional, dessa forma o desejo da educadora era voltar para escola e lutar para que outras “Joaninhas”<sup>9</sup> não fossem vítimas dessas ações violentas.

Na infância sua negritude era fortalecida em casa, nos cuidados da sua família Joana sabia a que povo era pertencente, qual a sua ligação com a ancestralidade e quais as discussões da população negra nos movimentos, concluindo-se que era bem formada sobre a sua trajetória, através das relações de autocuidado promovidos em seu elo familiar, apesar de sua relação como espaço escolar formal. Portanto, Joana Dias não foi uma criança que estava distante da sua herança, ela tinha firme suas escolhas, porém o espaço escolar não evidenciava, não trazia nos seus materiais didáticos ou ações positivas de projetos pedagógicos a trajetória da população negra seguindo o olhar diferente do colonizador.

Ter professoras que sigam uma educação antirracista favorecendo a cultura afro-brasileira dentro do ambiente escolar são fundamentais para que

---

<sup>9</sup> Apelido designado carinhosamente à professora Joana Dias, concebido por ela mesma.

esse local não seja eivado por lembranças ruins e deformadoras, muitas vezes ligadas ao problemático desenvolvimento pedagógico do estudante.

O desafio do século XXI é justamente a construção de sociedades de aprendizagens na tentativa de superação de modelos educativos herdados do passado. Acredita-se que o processo de escolha dessas práticas exitosas de combate ao racismo não são uma escolha fácil, porque enfrentar um sistema e todo o processo cultural em que as crianças e seus familiares são colocados é extremamente complexo, pois as características homogeneizantes que negam a diversidade humana e acabam por engendrar processos de exclusão de diferentes segmentos sociais (GUSMÃO, 2011).

Portanto é esse olhar diferenciado da educadora que foi evidenciada neste trabalho e enxergada em seus processos horizontais, tendo participação de todos os personagens desse ambiente e enfatizando os processos de vida de cada um, é sobre como a união desses sujeitos fará sentido a esse mundo. Joana Dias enxerga dessa maneira, por isso que consegue encontrar práticas educativas que levem em consideração a realidade do seu aluno, trabalhando na sala de aula questões importantes sobre raça, cor e gênero, envolvendo suas ações afroreferenciadas no cotidiano das escolas, em que trabalha, na rede municipal de Recife e de Jaboatão.

Durante o processo de coleta de dados não foi possível o acompanhamento de suas aulas devido ao distanciamento social gerados pela pandemia do vírus Covid-19. Dessa forma, a entrevista com 17 perguntas norteadoras permitiu a análise do material confeccionado pela professora e foram suficientes para atingir os objetivos desse trabalho.

Conclui-se que há uma urgência da necessidade de se olhar diversamente para o sistema escolar, pois este reflete o corpo social com toda sua gama de preconceitos e discriminações, assim como as problemáticas que envolvem esses sujeitos e que surgem para além da comunidade escolar, porém ações como a de Joana Dias nos permitem pensar estratégias de luta educacional que contribua com a construção da consciência de si e do outro.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018
- ANDRÉ, Marli Eliza Afonso. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 2007.
- ANDRÉ, Marli Eliza Afonso. Texto, contexto e significados: algumas sugestões na análise de dados qualitativos, **Cadernos de Pesquisa**, n. 45, p. 66-70, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BASTOS, Líliliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, v.31, n. especial, p. 97–126, 2015.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.
- BRASIL. Lei no 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **Altera Diretrizes e bases da educação nacional e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília, 2003.
- BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2009.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: Moreira, Antonio F. B.; Candau, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CARDOSO, Claudia Pons. **Outras Falas: Feminismos na Perspectiva de Mulheres Negras Brasileiras**. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2012.
- CARDOSO, Marilete Calegari; ARAÚJO, Larisse Oliveira. Memória, infância e negritude: aspectos constitutivos de identidade negra frente a situações de discriminação racial na vida escolar. **Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira**, n. 1, p. 33-42, 2020.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (ed.). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2005.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

CORRÊA, Antônio Matheus do Rosário; SANTOS, Raquel Amorim dos. As representações sociais de crianças negras sobre a cor em contexto escolar. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 26, p. e33513, jan/dez. 2020. <https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.33513>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/33513>. Acesso em: 2021-09-24

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma Abordagem sobre a História da Educação dos Negros. In: ROMÃO, Jeruse. **História da Educação do Negro e Outras Histórias** (Coleção Educação para Todos). Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/Ministério da Educação, 2005.

CRUZ, Rosângela Aparecida Cardoso da. **Gênero e Educação nas Escrivências de Conceição Evaristo**: Um olhar sobre Ponciá Vivêncio e Becos da Memória. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2016.

DA SILVA, Claudionor Renato. Professor homem, negro na escola da infância: reflexões e apontamentos de um iniciante. **Temas em educação e saúde**, v. 7, 2011.

DE MEDEIROS, Gabriele Fagundes; MACHADO, Juliana Maussara Kenes Marques. Mulheres Negras e Violência Doméstica: O desafio da articulação de gênero e raça. **Revista De Estudos Interdisciplinares Do Vale Do Araguaia - REIVA**, 4(02).

DE MELO, Glenda Cristina Valim. O lugar da raça na sala de aula de inglês. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 7, n. 17, p. 65-81, 2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral, memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2010.

DOS SANTOS, Fernanda Leite; ALVES, Francione Charapa; FIALHO, Rafael Rodrigues; SILVA, Janielle Nogueira da; PEIXOTO, Jacqueline Rodrigues. A autobiografia na formação de licenciandos: Construindo a identidade docente. In: GONÇALVES, Maria Célia da Silva; JESUS, Bruna Guzman (Org.). **Educação Contemporânea (Ensino Superior) -Volume 03**. Belo Horizonte: Poisson, 2020.



DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2015.

FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. **À procura da senha da vida-de-senha a aula dialógica?** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papyrus, 2008. p.145-165

FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. O espaço-tempo do estágio nos movimentos do Curso: interrogantes, desafios e a construção de territorialidades. **Cadernos de Educação**, n. 37, 2010.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

GATTI, Bernadete. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de Pesquisa**, nº 98, Fundação Carlos Chagas: São Paulo, p. 85-90, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (ed.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo, Selo Negro, 2001.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Antropologia, diversidades e educação: um campo de possibilidades. **Ponto e vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n.10, p. 32-45, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa. Tomo II: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1987.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2015(16):193-210.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência**. Rio de Janeiro. 93 p. 2018.

LEITE, Carmen Cinira Siqueira. **Trajetórias de mulheres negras**: vida escolar e profissão. In: Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2004, Caxambú. Sociedade, Democracia e Educação: Qual Universidade? 2004. p. 322-323

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura (1887-1945). São Paulo: Ática, 1984.

LOPES, Véra Neusa. **Racismo, preconceito e discriminação**. In: MUNANGA, Kabengele (ed.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/Secad, 2005.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X: da Biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Afonso. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIA DA SILVA, Claudilene. **Professoras negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MARQUES, João Filipe. O estilhaçar do espelho: da raça enquanto princípio de explicação do social a uma compreensão sociológica do racismo. **Ethnologia**, v. 3, p. 39-57, 1995.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Conflicto social e ideología científica: de Chile a El Salvador. Conferência pronunciada em Caracas, em 9 de julho de 1996, no XX Congresso Interamericano de Psicología.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. O que é um Estudo de Caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95 – 103, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org.). **Relações Raciais e Educação**: temas contemporâneos. (Cadernos PENESB; 4). Niterói: EdUFF, 2005.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; CAVALCANTE, E. C.; VILAR, Adriana Marcineiro. De mestre a “mendigo de gravata”: educadoras paraibanas e suas concepções de docência (1935). In: FIALHO, Lia Machado Fiuza. et al. (org.). **Ensaio em memórias e oralidades**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014. p. 59-78.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed editora, 2013.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **O Mundo Negro: A constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. Tese de doutorado em História, UFF-Niterói, 2010.

PEREIRA, Olga Maria Lima. **Docência negra em pelotas: um constante reinterpretar de silêncios**. Tese (doutorado) Pelotas: UCPEL, 2014.

POUPART, Jean. Entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean, et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. H. V. (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUES, Rui Martinho. Biografia e gênero. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, J. G.; SANTANA, R. J. (Org.). **Biografia de mulheres**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015. p. 54-70.

ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, p. 489-519, 2009.

SACRISTÁN, José Gimeno; **Curriculo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Angél I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SIMÕES, Luciene Juliano; RAMOS, Joice Welter; MARCHI, Diana; FILIPOUSKI, Ana Mariza. **Leitura e autoria: planejamento em língua portuguesa e literatura**. Erechim: Edelbra, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERDUM, Priscila. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? **Revista Educação por Escrito – PUCRS**, v.4, n.1, jul. 2013.

VIANNA DA CONCEIÇÃO, Janaína; SCHEUER NEVES, Caroline. Interseccionalidade e educação antirracista no ensino de português e literatura: considerações para uma proposta de material didático. **Calidoscópico**, v. 18, n. 1, 2020.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 7-72, 2000.

## APÊNDICE

### Apêndice A – Roteiro de perguntas norteadoras aplicadas à professora entrevistada

#### ENTREVISTA

a)

1. Como você definiria Joana Dias?
2. Ser Mulher Negra é...?

b)

1. Qual o seu percurso acadêmico-formativo e o que te motivou inicialmente a segui-lo?
2. Cursou alguma disciplina da educação das relações étnico-raciais?
3. Qual a contribuição dessa formação em sua atuação na escola?
4. O que motiva no processo de ensino-aprendizagem?

c)

1. Quais as metodologias usadas para discussões étnico-raciais em sala de aula?
2. Qual o material didático utilizado para trazer discussões étnico-raciais para sala de aula?
3. Como a comunidade escolar compreende seu material didático afrocentrado no âmbito profissional?
4. Você traz no conteúdo de suas aulas discussões que envolvem cultos de matriz africana?
5. Como se dá a interação dos alunos e do restante da comunidade acadêmica com suas abordagens afrocentradas?
6. Já presenciou alguma cena de racismo em sala de aula? Como aconteceu? O que fez?

d)

1. **Você desenvolve/desenvolveu ou participou projetos (interdisciplinar) na escola sobre o racismo?**
2. **Você consegue descrever desdobramentos obtidos no trabalho desenvolvido na escola e na vida dos alunos?**
3. **Qual o empoderamento que Joana Dias escuta de ex-alunos quanto as suas vivências?**
4. **Você pode descrever as dificuldades que ainda precisam ser superadas no trato pedagógico das questões étnico-raciais das escolas que você trabalha?**
5. **Deseja acrescentar algo a mais?**

## Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Cumprimento Sr. <sup>a</sup> ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada **A TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS: UM ESTUDO DE CASO DA HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA JOANA DIAS EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA REDE PÚBLICA EM PERNAMBUCO**, integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal analisar atividades docentes de afirmação da identidade negra e da cultura afro-brasileira por meio de práticas pedagógicas de combate ao racismo estrutural, e será realizada por Letícia Lopes Mota, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista com utilização de recurso de videografia pela plataforma digital Google Meet, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, restando desde já autorizado o uso do nome e imagem, além de outros elementos que possam surgir durante a pesquisa e que me caracterizem enquanto sujeito. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

#### **Consentimento pós-informação**

Eu, \_\_\_\_\_, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que são ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

---

Assinatura do/a participante

---

Assinatura do/a pesquisador/a

**Recife, PE, 31 de agosto de 2021.**